



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

MÁRCIA REGINA REIS DA LUZ

OS EFEITOS DO OLHAR DA MÍDIA MASSIVA SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO DO CEF 33 DE CEILÂNDIA

Brasília – DF

2015

MÁRCIA REGINA REIS DA LUZ

**OS EFEITOS DO OLHAR DA MÍDIA MASSIVA SOB A
PERSPECTIVA DO ALUNO DO CEF 33 DE CEILÂNDIA**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Professor Orientador: Prof. Msc Cristina Azra Barrenechea

Brasília – DF

2015

Luz, Márcia Regina Reis da

Os efeitos do olhar da mídia massiva sob a perspectiva do aluno
do CEF 33.

97 f. : il.

Monografia (pós-graduação) – Universidade de Brasília,
Departamento CFORM - EaD, 2015.

Orientador: Prof. Msc.Cristina Azra Barrenechea.

MÁRCIA REGINA REIS DA LUZ

**OS EFEITOS DO OLHAR DA MÍDIA MASSIVA SOB A
PERSPECTIVA DO ALUNO DO CEF 33 DE CEILÂNDIA**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

Márcia Regina Reis da Luz

Msc, Cristina Azra

Professor-Orientador

Msc, Mariana Marlière Letti

Professor-Examinador Interno

Msc, Isa Sara Rêgo

Professor-Examinador EXterno

Brasília, 19 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à EAPE pela oferta de formação continuada ao professor de maneira gratuita e com qualidade. Agradeço à professora Cristina Azra pelo acompanhamento e orientações. Também não poderia me esquecer de agradecer à equipe do CFORM e tutores das disciplinas cursadas. Agradeço à equipe de coordenação do CEF 33 de Ceilândia e aos alunos que gentilmente expressaram suas opiniões para a realização do trabalho

RESUMO

Esta pesquisa investigou como um evento de violência que ocorreu na escola CEF 33 situada em Brasília, Distrito Federal, Brasil, foi percebido pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Em julho de 2015, vândalos invadiram a escola, destruíram uma sala de recursos pedagógicos e fizeram várias ameaças à equipe gestora. Esse evento foi veiculado por vários dias na televisão. O que será analisado aqui é o impacto que essa representação da escola feita pela mídia televisiva sobre esse evento específico deixou nos alunos. Como alguns teóricos afirmam a exposição de crianças a conteúdo violento pode deixar várias sequelas como mudança de comportamento, traumas, stress, reprodução da violência entre outros. O objetivo geral da pesquisa é identificar como a imagem da escola veiculada pela mídia afetou os alunos sobre sua vida escolar. A metodologia usada foi o Estudo de Caso com entrevistas abertas em áudio aplicado em um universo de 35 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. A entrevista aberta (por meio de gravação) com os alunos versou sobre temas que envolvessem a televisão, violência, comportamento e percepção deles sobre a escola antes e depois do episódio da violência. A seguir, uma análise qualitativa do discurso dos discentes foi feita. Os resultados apontaram que a violência já é algo naturalizado por eles, de forma direta no discurso quanto implícita, salvo algumas exceções. Em contrapartida, alguns assinalaram sentimentos importantes como medo, vergonha, insegurança e apontaram, em ampla maioria, que as mudanças visuais que a escola passou após a situação-problema com a chegada de um interventor e policiamento na portaria foram muito importantes.

Palavras-chave: Educação; Mídia; Violência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Contextualização.....	7
1.2 Formulação do problema	7
1.3 Objetivos	7
1.3.1 Objetivo Geral	7
1.3.2 Objetivo Específico	7
1.4 Justificativa.....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Mídia e seu crescente avanço na sociedade	9
2.2 Televisão.....	12
2.3 O que é violência?	15
2.4 Efeitos da violência exposta na televisão sobre as crianças e adolescentes...	18
2.5 Mídia massiva e a retratação da notícia.....	21
3 METODOLOGIA.....	22
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE	45

1 INTRODUÇÃO

A mídia televisiva tem um poder de convencimento muito grande, a televisão que é um meio que está muito presente em vários lares pelo mundo inteiro exerce essa influência diariamente. Todos a sofrem, mas as crianças merecem atenção especial, já que são mais influenciáveis. A partir disso, analisaremos os reais efeitos da exposição de uma escola do Distrito Federal, no caso, o CEF 33 de Ceilândia, no corpo discente da mesma.

1.1 Contextualização

A sociedade hoje vive um momento em que a violência¹ (em todas as suas formas) acontece em diversos locais. A Comunidade Escolar do CEF 33, situado no bairro do P. Sul –na cidade satélite de Ceilândia - no ano de 2015, em julho, mais precisamente, passou por um momento de confronto entre equipe administrativa e traficantes locais.

1.2 Formulação do problema

Qual o impacto que a representação da violência ocorrida no CEF 33 pelo noticiário televisivo teve nos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental daquela escola?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

O Objetivo Geral é identificar até que ponto o retrato feito pela mídia afetou a visão dos alunos sobre a escola e a vida escolar dos mesmos de maneira geral.

1.3.2 Objetivo Específico

Entrevistar os alunos acerca de sua percepção relacionada a representação de sua escola na televisão.

¹De acordo com a OMS a violência pode ser física, sexual, psicológica ou privações e desatenções/negligências.

1.4 Justificativa

Essa pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender como os efeitos nas crianças na forma como a televisão veicula e constrói a noção de violência. Preocupo-me em conhecer como a representação pela mídia da violência ocorrida na escola poder afetar o comportamento e a percepção das crianças a ampliar a sensação de medo, insegurança, vergonha e desconforto que podem repercutir na sensação de bem estar no ambiente escolar e nos processos de aprendizagem.

Outra preocupação que motivou o interesse pela pesquisa foi que na rede pública de educação não há ainda um acompanhamento médico para auxiliar a equipe docente, nem discente na caminhada cotidiana, muito menos, após eventos traumáticos como esse, impactando no convívio social dos alunos por meio da prática de bullying, brincadeiras agressivas e auto-mutilação. O público-alvo da pesquisa sendo composto por crianças de 11 anos, em sua maioria, é muito impressionável e estudos apontam para a repetição de comportamentos violentos quando isso não acontece, a vivência da violência na televisão compromete o psicológico da criança com pesadelos repetitivos, medo em excesso, a tendência a evitar situações que remetam à situação conflituosa, entre outros.

Como a escola é um espaço de formação importante e precisa ajudar na construção global do indivíduo, problemas emocionais precisam ser sanados, principalmente, quando envolve o local onde esse conhecimento é trabalhado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que possamos entender melhor algumas referências básicas e progredir na construção de conceitos, nesse tópico veremos a definição de mídia, a compreensão de seu avanço desde seu advento inicial até os dias atuais e os possíveis motivos para seu alcance global e avassalador.

2.1 Mídia e seu crescente avanço na sociedade

Um dos termos mais difundidos atualmente é “mídia”, ouvimos sempre frases como: “a mídia é a culpada...”, “a mídia retrata a mulher como objeto...”, “a mídia corrompe os jovens, pois...”, “a mídia manipula resultados de eleições...”, todavia algumas pessoas não sabem definir o que é a mídia de fato.

Parafraseando Gonnet (1997) não há uma única definição sobre mídia, pois o termo evoluiu durante os anos². E pode hoje referir-se às “instituições, gêneros e técnicas”. Francis Balle (1995) coloca uma citação sobre a definição de modo mais prático: “equipamento técnico que permite aos homens comunicar a expressão de seu pensamento quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão” (GONNET, Jacques, 1997; apud BALLE, Francis, 1995, p.50).

A história humana tem marcos no seu desenvolvimento, a comunicação com certeza foi uma delas, há uma necessidade de o indivíduo se comunicar, já que é um ser social por natureza. O surgimento da escrita, os formatos de imprensa, cinema, internet garantiram o atual estágio em que nos encontramos.

Em Dorigoni (2015) temos um telhado que reforça essa ideia de continuidade do desenvolvimento da comunicação em nossa história.

Ao longo dos anos 1940 e 1970, o telefone, o cinema, o rádio, as revistas e a televisão constituíam-se em um sistema, que ao desenvolver-se, transformou-se em aparato de última geração ao integrar outros avanços tecnológicos mais recentes como telefones celulares, TV interativa e a Internet (p.2).

Com o passar dos anos, vários meios de comunicação foram difundidos e até alguns dos mais mirabolantes desejos do homem das décadas anteriores hoje são

² “ Não existe uma definição única das mídias. Do mesmo modo que a informação e a comunicação trata-se de um vocábulo que foi constantemente enriquecido ao longo das últimas décadas, a ponto de, às vezes, designar conceitos muito afastados uns dos outros.”

realidade: na palma de nossas mãos temos um aparelho celular com múltiplas funções além da ligação telefônica. Em comparação ao telefone³ idealizado por Graham Bell, possui funcionalidades inimagináveis àquela época.

Tivemos as eras de predominância de determinados meios: rádio, televisão e hoje em dia a internet. Vários comportamentos foram orientados de acordo com o meio que vigorava no período histórico: na chamada “Era de Ouro” das rádios, as telenovelas tinham destaque e os grandes festivais musicais veiculados na televisão auxiliaram na descoberta de grandes artistas nacionais.

Ainda no mesmo artigo da autora supracitada temos uma constatação:

O impacto desse avanço se efetiva como processo social atingindo todas as instituições, invadindo a vida do homem no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com os alunos, etc. Desta forma, os aparelhos tecnológicos dirigem suas atividades e condicionam seu pensar, seu agir, seu sentir, seu raciocínio e sua relação com as pessoas (Ibidem.p. 3).

Com a globalização, as notícias são rapidamente difundidas, há registros (vídeos, entre outros) que “viralizam” pelo mundo, em poucas horas, um fato novo torna-se conhecido mundialmente.

O comportamento humano frente a todas essas inovações foi sendo modificado, a televisão hoje em dia, mesmo com o avanço da internet está presente em vários lares. O fascínio que ela sempre exerceu é muito grande e ainda existe, já que o acesso aos meios de comunicação depende de fatores sócio-econômicos. Já que o acesso a cultura varia de uma classe econômica a outra e relaciona-se também ao nível de educação familiar.

A televisão possui uma carga de marketing publicitário marcante: nas novelas que ditam comportamentos, desde bordões repetidos a exaustão por um personagem e que se propagam nas ruas; filmes que ditam o modo de se vestir, o que consumir, para onde viajar, entre vários outros exemplos. Segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura) em média 93% das crianças têm acesso à TV, 99% no Canadá e Europa e 83% na África. No Brasil, 97% das crianças têm acesso à TV. Esses dados corroboram o grande alcance desse meio de comunicação em todo o globo.

Segundo o Painel Nacional de Televisores do IBOPE⁴ feito em 2007, as

³O telefone é um dos dispositivos de telecomunicações desenhados para transmitir sons por meio de sinais elétricos nas vias telefônicas.

crianças brasileiras, na faixa etária de 4 a 11 anos de idade, passam, em média, quase 5 horas por dia em frente à televisão. É um dado importante já que geralmente não têm um acompanhamento ao assistir à televisão, conseqüentemente não irão selecionar o tipo de programação assistida ou obedecerão à classificação indicativa⁴.

Com frequência ocorrem manifestações populares quanto a indicação de classificação indicativa, já que é cada vez mais comum a veiculação de cenas de violência e nudez em horários inadequados.

O alcance da mídia no Brasil é bastante grande, numa pesquisa feita pela ANDI Agência de Notícias dos Direitos da Infância aponta-se o alcance das várias formas de mídia em nosso país: o acesso à TV aberta é de 97% da população, à TV por assinatura é de 28%, a Rádios (AM/FM) o acesso é de 52%, a Jornais o acesso é de 34%, à Revistas o acesso é de 38% e à Internet o acesso é de 56%.

Como o foco do trabalho é a televisão, daí a importância desses dados, que demonstram, por exemplo, com o percentual de 97% de acesso que o âmbito de ação das programações desse meio atinge muitas pessoas, porém o gerenciamento do que é visto por esse público é o que nos preocupa, principalmente o público infantil. Sabemos que há diferenças entre programação regional e nacional, todavia quando uma reportagem causa comoção ela é veiculada em âmbito nacional.

Após esse progresso demonstrado em mídias, no próximo tópico, falamos especificamente sobre televisão. Já que o nosso objeto de estudo foi um evento que foi amplamente televisionado por dias seguidos com certa ênfase. Observamos como se dá a relação do indivíduo com a televisão e algumas reflexões que deveriam ser feitas no cotidiano sobre o uso dessa presença marcante em vários lares refletindo principalmente sobre a constituição do comportamento da criança.

⁴Uma empresa que fornece um amplo conjunto de informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado, no Brasil e em mais 14 países.

⁵Trata-se de um sistema de classificação brasileiro utilizados em filmes, jogos eletrônicos e programas de televisão. A classificação está sustentada sob três grandes temas: Sexo, Violência e Drogas; conteúdos considerados inadequados à formação de crianças e adolescentes. A análise é feita ponderando frequência, relevância, contexto, intensidade e importância dessa cena para a trama. Sendo as faixas assim dispostas: livre, não recomendado para menores de 10, 12, 14, 16 ou 18 anos. Obedecem também a um horário de exibição, a programação de faixa livre e para menores de 10 anos podem ser exibidos em qualquer horário, a partir dos 12 anos de 20h às 6h; 14 anos de 21h às 6h; 16 anos de 22h às 6h; 18 anos de 23h às 6h.

2.2 Televisão

Mas por que será que a televisão ainda fascina tanto? Porque a escola não consegue fascinar tanto quanto a programação da TV que inclusive é motivo das conversas em pequenos círculos durante a aula? Se tal ator ou atriz chama a atenção pela beleza? Segundo Moran (2002)

A TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos - a fala da escola é muito distante e intelectualizada - e fala de forma impactante e sedutora - a escola, em geral, é mais cansativa. O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes (p.1).

Os recursos escassos de que dispomos em sala de aula, como a falta de computadores em escola, ou na presença dos aparelhos, mas com uma sala de informática que não é utilizada porque não há pessoal qualificado; ainda um provedor de internet que não presta um serviço regular, a quantidade insuficiente de data-shows na escola, tudo isso é um obstáculo ao bom desempenho escolar dos alunos e profissional do professor.

Um possível desdobramento do alcance da televisão no Brasil, é que “ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético de crianças, jovens e grande parte dos adultos.” (IBID. p1). Observe-se as esferas atingidas pela televisão, há primeiro essa ligação por meio dos sentidos, que é beneficiado pelos recursos tecnológicos que a TV oferece e dispõe para capturar os espectadores e, quando trata-se de sentidos como visão e audição não há como fazer uma seleção prévia quando não se conhece uma programação, assim, consome-se inicialmente, e no fim, o senso crítico (se presente) ajudará a selecionar o que julgar melhor para si.

Falando mais sobre os recursos da televisão que alimentam o universo sensorial, que são, por exemplo: representações visuais que um cenário pode trazer, as músicas escolhidas pela sonoplastia, as expressões faciais, a forma de atuação do elenco, a caracterização de personagens, a luminosidade escolhida para destacar algo com intencionalidade entre tantos outros recursos, que atualmente estão aliados à crescente evolução da imagem digital nos televisores do país.

O universo afetivo relaciona-se à preferência por esse ou aquele personagem do folhetim, à situação que algum personagem viveu que foi semelhante à que a

criança, jovem ou adulto viveram; ao gosto particular de cada um de acordo até mesmo com cores e preferências pessoais.

O universo da ética relaciona-se com a montagem de conceitos diante do desfecho de algum personagem que mesmo com ações tidas como desonestas durante a trama, no fim do folhetim foi bem sucedido. O que vemos comumente na televisão, para os jovens é a recorrente história real como o fim de tantos menores infratores que cometem crimes, por vezes bastante violentos, que cumprem uma medida socioeducativa de curta duração e após cumpri-la retomam sua rotina de crimes.

Frequentemente, há uma dificuldade em separar o que é real do que é fantasia, veja, por exemplo, atores que, de tempos em tempos, testemunham ser desacatados nas ruas devido a ações de um personagem na trama de ficção. Se isso acontece entre adultos não é difícil imaginar que o grau de dificuldade dessa dissociação é bem maior com crianças de 11 anos, por exemplo.

Outro desdobramento para o uso da televisão, além das novelas, telejornais, filmes, reality shows foi o advento do vídeo-game. Ninguém esperaria a dimensão que os jogos poderiam tomar. A relação da televisão com violência acontece em vários momentos: no tocante a situações de lazer como filmes e jogos. Na sociedade mundial há alguns exemplos de casos emblemáticos em relação a isso. Em vários massacres coletivos realizados nos Estados Unidos que chamaram ainda mais atenção quando foi veiculado pela mídia televisiva, que os algozes foram motivados por filmes ou jogos com algum teor de violência. Claro que esses fatos não se restringiram somente aos norte-americanos, há casos na Europa e até mesmo no Brasil que não havia um histórico sobre essas ocorrências.

Se essa influência acontece com jogos em cenários construídos virtualmente, que por vezes sequer existem, pensemos nas notícias que são veiculadas hoje, em que os telejornais retratam com maior destaque os fatos sobre violência. Onde os cenários são reais, as pessoas dão depoimentos sobre os fatos e a intenção da emissora de chocar o público, causar comoção da opinião pública sem necessariamente, noticiar os fatos com imparcialidade é perceptível na maioria das vezes.

Ainda de acordo com Moran (2002):

Na procura desesperada pela audiência imediata, fiel e universal, os meios de comunicação hiper-exploram nossas emoções, fantasias, desejos, medos e aperfeiçoam continuamente estratégias e fórmulas de sedução e dependência.(p.1)

A programação que faz uso de violência explora a emoção do telespectador quando coloca somente trechos mais significativos na reportagem, que exponham o sofrimento das vítimas: como o choro, o relato emocionado, a explosão dos envolvidos que estão agindo ali sob forte emoção. Os medos são explorados quando o cenário de violência é exposto e frequentemente rotulado como problema exclusivo de determinados locais do DF, por exemplo. Esses recursos citados podem agradar determinadas pessoas que assistem e cativá-las, já que funcionam como suposto “conforto” de que onde ela reside está livre de problemas sociais.

Esse aperfeiçoamento das estratégias é auxiliado pela ferramenta do ibope⁶, que fornece estatisticamente o alcance de uma emissora numa região, quem é mais assistido e outros dados. Em novelas⁷ é muito comum que os enredos sejam modificados com a finalidade de cativar a audiência.

As formas de sedução empregadas geralmente estão ligadas ao que a maioria decidir em pesquisas de opinião, por exemplo, e a dependência é fomentada pelo novo quadro social que temos com relação às famílias, à nova estrutura familiar. A ascensão de novas classes econômicas a certos itens de consumo com a facilitação do crédito é um dado importante para a justificação desses novos hábitos.

As necessidades atuais trazidas com mudanças do núcleo familiar, isto é, diferente da estrutura mais tradicional: pai, mãe e filhos possuindo outras formações como: pai e filho (s), mãe e filho(s), avós e neto(s) aliado à rotina de trabalho também contribuem para a configuração do novo uso que a televisão passou a ter. Para que haja tempo na realização das atividades domiciliares, a televisão acaba sendo um auxílio na execução de várias tarefas que os adultos devem cumprir e as crianças ficam com a espécie de “babá eletrônica” por longos períodos.

Na vivência da era da “informação” em que a informação é tida como “moeda de troca”, o relatório da ANDI traz ainda alguns dados sobre os motivos de a mídia ser tão atrativa para o jovem, introduz essa abordagem da seguinte forma:

⁶O nome da empresa virou gíria comum no Brasil e é um verbete oficial do dicionário brasileiro, além de constar como sinônimo de audiência e prestígio.

⁷As novelas são consideradas um de nossos principais produtos culturais exportados para o mundo.

A mídia, como qualquer outra instituição de socialização, não pode ser analisada de maneira isolada. Suas consequências para o desenvolvimento de crianças e adolescentes são resultado da ação estabelecida em conjunto com todo o amplo contexto social no qual está inserida (p.7).

A atual situação de violência urbana faz com que as pessoas prefiram o conforto do lar a expor-se a situações de risco nas ruas, isso pode não permitir o acesso a programas de lazer mais saudáveis favorecendo o consumo demasiado da televisão.

Nesse próximo tópico, desmistificamos um outro conceito bastante difundido que é “violência”. Desconstruímos o imaginário de que violência é um ato que causa sofrimento físico apenas, mostrando sua definição adotada por entidades internacionais. Ainda investigamos as origens dessa mazela e como pessoas adquirem e manifestam o comportamento violento.

2.3 O que é violência?

É importante salientar o conceito de violência para que entendamos até onde seu alcance pode chegar, em Medeiros (2009) temos um demonstrativo do quadro nacional no tocante a violência na programação da televisão brasileira. O estudo inicia-se com a definição de violência:

(...) uso intencional de força física, ou de poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência, de desenvolvimento ou privação(...) (p.312).

A definição de violência contra a criança e o adolescente, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições, capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima (MEDEIROS, 2009, p.312). O aumento da violência é um fato, a retratação dela em clipes, propagandas, novelas, filmes, músicas é cada vez maior. A definição de violência é clara quando diz “que resulte (...) ou tenha qualquer possibilidade de resultar inclusive dano psicológico”.

Um ato de violência praticado nas escolas é o bullying⁸, que embora praticado como brincadeira, muitas vezes pode ocasionar automutilação⁹, brigas e até homicídios como forma de justiça da vítima ou suicídio da mesma.

Hoje, no Brasil, os telejornais mudaram seu formato em vários critérios: o vocabulário adotado pelos âncoras, a adoção de legendas sensacionalistas nas chamadas em relação a notícia, a duração de programas policiais e até a escolha dos temas a serem abordados. São os que mais apelem à emoção do telespectador virando apenas entretenimento televisivo muitas vezes e não um motivador de reflexão ou engajamento social para combater a violência.

O ponto controverso e principal sobre o comportamento violento é se a violência é uma característica natural ou adquirida pelo ser humano. Segundo Medeiros (2009, p.312), a Psicologia Social restringe seus estudos a características individuais (processos cognitivos, afetivos e comportamentais) que determinam o aparecimento de episódios violentos de acordo com situações propícias. Nesse caso, o temperamento da pessoa definiria sua manifestação de violência. Se for nervoso, será violento em uma situação extrema, reproduzindo sua “natureza”.

Há também a Teoria da Aprendizagem Social afirma que as “diferentes sociedades lidam de forma diferente com os aspectos do comportamento graças à aprendizagem social” (idibem; p.312), os valores passados pelas instituições, pelos colegas, em casa, mídia e artes também contribuem para a regulação social. Esses valores são passados pelas gerações. Nesse caso, se o jovem vê a representação de sua escola na televisão, ele poderá utilizar-se de ameaças para conseguir alcançar seus objetivos com outras pessoas, já que ocasionaram a saída dos gestores.

Em contrapartida, há os teóricos que acreditam que o comportamento agressivo é adquirido pelo processo de aprendizagem com outras pessoas, tendo como base dois processos distintos:

⁸ São atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder

⁹Qualquer comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio. Os atos geralmente têm como intenção o alívio de dores emocionais e em grande parte dos casos, estão associados ao Transtorno de Personalidade Borderline. As formas mais frequentes de automutilação são cortar a própria pele, bater em si mesmo arranhar-se ou queimar-se. A automutilação é comum entre jovens e adolescentes que sofrem pressão psicológica.

1. A aprendizagem instrumental, cujo processo se dá através do reforço ou recompensa; 2. A aprendizagem observacional, cujo processo se dá pela modelagem social, que consiste na adoção de comportamentos, pela observação de ações de outras pessoas consideradas “modelos” (p.312).

Fazendo um paralelo com o que vivemos, temos vários casos que demonstram que certas notícias veiculadas pela mídia televisiva fomentam a ocorrência de outras similares. Por exemplo, casos de suicídio coletivo de adolescentes, crimes de esquartejamento, o linchamento de criminosos pela população ou o linchamento de supostos criminosos, só para citar algumas reportagens que foram destaque atualmente. Observe que “modelos” aqui significam a forma de atuar do criminoso, que é imitada pelo telespectador, já que os telejornais dão todos os detalhes para que cause comoção, choque; entretanto, há pessoas que se aproveitam das informações passadas para, em algum momento, empregá-las.

Isso não quer dizer que todas as pessoas que assistem a esse tipo de programação, são potencialmente agressivas, até mesmo porque as teorias aqui citadas procuram entender “porque as pessoas são capazes de agredir, mas não explicam como elas são instigadas para tal.”

Para tentar responder a essa pergunta, surge a hipótese da sociopsicologia da frustração-agressão, que, em síntese, defende que os seres humanos parecem ter uma tendência inata a responder com agressão aos estímulos agressivos que recebem, mas deixa claro que esta reação não é somente um comportamento de estímulo-resposta, mas sim uma situação complexa que vai depender do sujeito, de sua estrutura biológica e de seu contexto socioeconômico e cultural (ibidem.:p.313).

Portanto essa agressão não é um fenômeno gratuito, há uma situação que despertará essa resposta do indivíduo. Logo, a preocupação diante da violência na escola é a possível reprodução das crianças de situações mostradas na reportagem como resposta à sociedade que já as marginalizaram com rótulos que podem não ser verdadeiros para todos os alunos que ali estudam. As variáveis relacionadas com o tipo de comportamento que a família motiva: se uma postura mais agressiva, que busca resoluções a qualquer preço ou se uma postura de procura dos meios ou entidades que possam garantir a defesa de seus direitos. O que há em comum nas teorias é a relação entre observação e televisão.

Adiante temos um olhar mais específico, voltado ao público infantil e adolescente, que fora alcançado pela violência exposta na televisão em telejornais ou programas do gênero. Procurando entender a maneira como eles interpretam tudo o que é transmitido nessas vertentes de mídia e seus efeitos.

2.4 Efeitos da violência exposta na televisão sobre as crianças e adolescentes

Diante de tudo o que já foi dito, sobre o alcance da televisão, do seu papel colaborador na condução das tarefas cotidianas, precisamos refletir sobre como se dá o processo de aprendizagem das crianças, para entender como a lógica da violência apresentada na televisão pode influenciar na conduta dessas crianças, e em suas características psicológicas. De acordo com Medeiros (2009):

Desde o surgimento da humanidade, as crianças aprenderam habilidades, crenças, comportamentos observando os demais. Elas se baseiam nos modelos para aprender e agir no mundo através da observação, da imitação e das interações, graças essencialmente à aprendizagem social e ao processo de identificação (p.313).

Ainda no estudo sobre de Medeiros, há uma citação de Belloni (2004) que traz alguns apontamentos importantes feitos a partir da análise de trabalhos científicos que versam sobre criança e violência na mídia “apontam para a violência na mídia ser um dos mais importantes fatores na deflagração da violência social e individual”. Esse dado é relacionado à incidência de situações de violência em famílias de baixa renda em que a televisão é tida como único meio de lazer e entretenimento disponível.

A criança pode tolher-se por estar fora dos padrões estéticos, por exemplo, cometendo violência contra si ou pode revoltar-se por ver sua etnia sendo constantemente vítima de preconceito. Pode aceitar erroneamente uma visão preconceituosa, não refletir sobre a veiculação de imagens e decidir “vingar-se” da sociedade cometendo delitos. Tudo isso seria demonstrações possíveis do perigo de assistir à televisão sem acompanhamento ou sem orientação de um adulto em casa.

A autora chama a atenção para a reação ou opinião das crianças sobre cenas de violência:

E por essas cenas não serem consideradas pelas crianças como

assustadoras, mas sim como bonitas (apreciação da estética e da qualidade técnica), engraçadas e divertidas. A autora comenta também sobre os achados da maneira como os adolescentes e crianças lêem e interpretam as mensagens de violência. Segundo as investigações, observa-se certa tendência à banalização, uma dessensibilização e naturalização da violência real, bem como a mudança de valores e sentimentos transitando para entendê-la como um meio legítimo de realizar desejos e solucionar conflitos (MEDEIROS, p.314)

A aplicabilidade da teoria do desenvolvimento infantil pela imitação em combinação com a tomada de situações como modelos de conduta fica aqui bem explicitado. Além dos fenômenos comportamentais há ainda o relato de reflexos físicos e psicológicos. Algumas hipóteses foram testadas e comprovadas nesse estudo, o tempo demasiado que uma criança fica em frente à televisão por dia pode levá-la a apresentar mais sintomas de trauma: medo excessivo, pesadelos, entre outros.

As crianças que passam mais horas por dia em frente à televisão tendem a apresentar um comportamento agressivo, os infantes que demonstram preferência por programas de ação ou luta também demonstram comportamento agressivo. Logo, a agressividade é despertada nas crianças, cujo convívio social com adultos em casa não ocorre satisfatoriamente, já que a televisão é sua fonte de perceber o mundo diariamente de forma fiel. Aqueles que preferem a programação ligada à violência tendem a reproduzir esse comportamento. “Sabe-se que as crianças formam um grupo cativo e facilmente impressionável”.

Uma pesquisa feita por Paik e Comstock revela:

assistir constantemente violência na mídia está associado com níveis mais altos de comportamento antissocial, que variam desde o trivial (violência imitada com brinquedos) até a delinquência (atos criminosos), com vários efeitos resultantes possíveis (aceitação da violência como solução de problemas, aumento de sentimento de hostilidade, e a propensão a provocar um estímulo doloroso em outra pessoa) (id.p.315)

Medeiros (2009, p.315) elenca cinco efeitos comuns em quem assiste esse tipo de programação, os mais estudados são a imitação e a agressão, outro seria a evolução do medo para depressão ou agressão, a falsa percepção da realidade da violência já que a maneira tão intensa como ela é retratada na sociedade já é tida como algo normal e a ilusão de que o corpo resiste a atos de violência e por último é o hábito.

Um fenômeno que tem surgido na escola pesquisada e em outras escolas

públicas no Distrito Federal é a automutilação, crianças que se cortam sem apresentar uma motivação aparente em alguns casos e que chegam a rir quando confrontadas e esclarecidas sobre os perigos desse novo comportamento. As crianças chegam a comprar lâminas no comércio local e compartilhar num grupo de colegas com tal finalidade e em outros casos, retirar lâminas de apontadores para o uso coletivo.

Um dos desdobramentos possíveis dessa consideração de que a violência é algo corriqueiro, banal é o fato de que em episódios cuja criança que é vítima de violência não procura meios para quebrar esse ciclo contando aos pais, por exemplo, já que está tão implícito para ela de que todos são potenciais vítimas e o caso dela seria somente mais um. E pior ainda, ao presenciar atos de violência a propensão dela é de apenas observar, não tentar de alguma forma buscar ajuda.

E o ciclo vai se mantendo, crianças violentas ou com comportamento agressivo são, na maioria das vezes, impopulares na escola e se isolam na companhia da televisão.

Crianças pequenas podem sofrer efeitos duráveis do medo de um trecho breve e visualmente perturbador de um programa ou filme. Efeitos de longo tempo do medo induzido pela mídia não se limitam a crianças pequenas, pois adolescentes frequentemente experimentam angústia prolongada causada por programas ou filmes, especialmente aqueles envolvendo violência sexual ou forças sobrenaturais (MEDEIROS, p. 316)

Quando a criança se depara com tanta violência na mídia televisiva passa a perceber o mundo como um “lugar assustador”, trazendo sérios problemas sociais de comportamento já que se protege em demasia e desconfia de tudo. “Os efeitos incluem pensamentos obsessivos, pesadelos repetitivos e distúrbios do sono”. “As crianças também se tornam hesitantes em participar de atividades de rotina relacionadas com as cenas assustadoras”. Isso sem mencionar ainda os altos índices de stress, insônia, problemas de saúdes decorrentes das horas dispensadas à “babá-eletrônica”, pois o olhar está voltado às cenas de violência e seus efeitos sobre as crianças.

Ainda de acordo com o estudo da ANDI acerca do impacto de cenas e violência e sexo na televisão no público infanto-juvenil, temos uma declaração envolvendo psicólogos e psiquiatras norte-americanos (*Joint Statement on the Impact of Entertainment Violence on Children*) num Congresso sobre Saúde Pública.

Nesse congresso dados alarmantes sobre mais de mil estudos baseados em 30 anos de pesquisa que é taxativo:

(...) nossos próprios membros – apontam incontestavelmente para uma conexão causal entre violência na mídia e comportamento agressivo em algumas crianças. A conclusão da comunidade da saúde pública, baseada em 30 anos de pesquisas, é que consumir violência através dos programas de entretenimento pode levar a um aumento em atitudes, valores e comportamentos agressivos, particularmente nas crianças. (Brasil, 2012).

2.5 Mídia massiva e a retratação da notícia

A maneira como a mídia retrata uma realidade, realiza uma reportagem, retrata os protagonistas de toda a situação vivida ali, muda dependendo de qual meio em que a notícia é veiculada: internet, televisão, jornal impresso, rádio. Há vários modos ou critérios que poucas pessoas estão preparadas para fazer uma leitura inequívoca e crítica do que é veiculado nos diferentes meios de comunicação.

Em Sepulveda (2014), temos a citação de uma entrevista do jornalista Eugênio Bucci dada em 2014 em que o mesmo afirma que “a maneira desrespeitosa com que alguns programas de rádio e TV tratam os suspeitos no Brasil, estigmatizando, ajuda a criar esse ambiente explosivo” o que segundo ele, contribuiu para o advento da cultura da violência.

O fenômeno social que presenciamos hoje é resultado do que muito vemos na televisão brasileira, não há muita diferença no que a imprensa noticia. Cada emissora de televisão adota uma postura diferente em relação a que se vai criticar, por exemplo, algumas tendem a defender governantes, outras partem para um embate mais direto além do que comumente percebemos: uma mesma notícia aparece somente com algumas horas ou dias de diferença nas emissoras concorrentes.

Um detalhe importante é a manipulação de imagens, dando foco em alguns detalhes que indivíduos não dariam tanta atenção quando estivesse passando pelo local. Ou ainda a manipulação de entrevistas de pessoas, excluindo trechos importantes de algo que foi dito para destacar o que se tem de mais apelativo, emocional e agravante para o sentimento do telespectador e opinião pública.

Por último, um novo recurso que é a legenda na tela, que incorpora uma “nova versão” correspondente à manchete no jornal impresso. Geralmente curta e bem chamativa para assegurar a manutenção da audiência ou aumento da mesma

3 METODOLOGIA

É uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas abertas semiestruturadas gravadas em áudio degravadas, analisadas com método de análise do discurso.

A Comunidade Escolar do CEF 33, cidade satélite de Brasília, em julho de 2015 passou por um momento de confronto entre equipe administrativa e traficantes locais. Após um enfrentamento constante em que a direção escolar coíbia o uso e tráfico dentro da instituição. Num determinado dia, após um fim de semana, a diretora deparou-se com uma sala arrombada, materiais pedagógicos destruídos e pichações com ameaças nas paredes. As ameaças destinavam-se a ela e ao vice-diretor, as mesmas continham palavras de baixo calão e ameaças de morte.

Existe a suspeita de que um dos autores das ameaças seja um ex-aluno que foi expulso da unidade escolar por problemas com drogas. A diretora pediu exoneração do cargo. Logo após isso, as aulas do dia foram suspensas, veículos de mídia foram ao local e já transmitiam as imagens da sala destruída para a região do Distrito Federal e entorno.

Por vários dias, o problema foi destaque nos meios de comunicação: televisão e jornal impresso. Alguns alunos solicitaram transferência da escola diante de tamanha repercussão, uma professora pediu sua remoção para outra instituição de ensino e a Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia enviou um Interventor para gerir a escola.

Qual foi o impacto da representação da violência no CEF 33 construída pela mídia televisivanos alunos?

O tema da violência e seus efeitos nas crianças por meio da televisão e sua a forte influência sobre elas é notória, várias pesquisas demonstram os efeitos de toda essa exposição sem a orientação necessária. Vários comportamentos podem ter sido agravados após essa experiência, traumas podem estar em cristalizando-se

e na rede pública não há ainda um acompanhamento médico para auxiliar a equipe docente, nem discentes na caminhada cotidiana, muito menos, após eventos tão traumáticos como esse.

O Objetivo Geral é identificar até que ponto o retrato feito pela mídia afetou a visão dos alunos sobre a escola e a vida escolar dos mesmos de maneira geral.

O Objetivo Específico é identificar como a violência exposta na mídia televisiva afeta os alunos.

Escolheu-se a análise qualitativa de dados para essa pesquisa. Segundo Richardyson (1999):

(...) a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

As crianças do sexto ano que serão ouvidas não têm ainda desenvolvida a análise crítica para uma leitura fundamentada a respeito dos recursos utilizados nos mais diversos meios de comunicação para a veiculação da notícia. Portanto, não compreenderiam a amplitude da situação e pouco poderiam dizer se fosse escolhido um instrumento que demandasse da escrita, por exemplo não pudessem expressar seu ponto de vista de forma clara.

Esse tipo de entrevista possui algumas vantagens em relação a sua aplicação, segundo Boni (2005) :

- As pessoas aceitam melhor falar a escrever;
- Esse tipo de entrevista produz melhor amostra da população de interesse;
- Interação entre entrevistador e entrevistado favorece respostas espontâneas;
- Troca afetiva é maior, possibilitando que os assuntos complexos e delicados sejam tratados e, principalmente
- A investigação de aspectos afetivos e valorativos dos informantes determinam significados pessoais de suas atitudes comportamentos.

O grupo pesquisado foi escolhido pelo convívio diário entre pesquisadora e pesquisados isso ocasiona resultados obtidos de forma mais natural possível, diferente do que seria, caso houvesse pesquisadores ocasionais.

3.1 Coleta de dados

Na entrevista aberta, os discentes expuseram suas opiniões de forma mais espontânea e fiel ao resultado que se pretendia obter, que é a análise dos efeitos da retratação da escola na mídia após o evento de violência que ocorreu. A realidade dos alunos dessa instituição foi marcada pelos estereótipos. O público-alvo é de forma geral, composto por crianças que residem na área periférica do Distrito Federal, com idades entre 11 e 13 anos com acesso a mídias.

Será destinado o tempo máximo de 45 minutos para que os alunos falem livremente sobre os fatos ocorridos e desenvolvam suas próprias reflexões sobre como a escola hoje é vista por eles. Algumas perguntas motivacionais serão lançadas e o diálogo entre eles será aproveitado até que se considere o tema esgotado.

3.2 Entrevista aberta

Os alunos que os responsáveis autorizaram-nos a participar da pesquisa conversarão entre si sobre alguns comportamentos que possam ter mudado ou não diante dos fatos. Algumas perguntas serão lançadas, lembrando que as perguntas estarão de acordo com o nível vocabular dos estudantes para que compreendam o que está sendo perguntado:

1. Tema: televisão – o que assiste?
Programas policiais, noticiários? E com qual frequência.
2. Tema: Fatos sobre a escola.
Se acompanharam tudo o que foi passado pela mídia.
3. Tema: Mudanças após o fato.
Se os alunos mudaram a rotina de alguma forma, os sentimentos em relação à escola mudaram, se efetivamente ocorreram mudanças na escola após os fatos serem divulgados na televisão.
4. Tema: Saída de outros alunos da escola.
Se perceberam como uma boa saída encontrada pelos que pediram transferência da escola. Se pensaram em sair também, se não saíram porque não o fizeram.

5. Tema: Drogas.

Se os alunos percebem as drogas, uso e tráfico na sua comunidade.

Se em algum momento houve o tráfico ou uso de drogas na escola.

6. Tema: Percepções e CEF 33

Indagações sobre percepções dos alunos sobre a escola antes, no decorrer de todos os fatos veiculados e/ou após eles.

7. Tema: Segurança na escola

O que mudou após os fatos com relação à segurança da escola na visão deles.

8. Tema: Felicidade no CEF 33.

Se após todo o problema enfrentado são felizes estudando na escola.

9. Tema: Violência reproduzida na escola

Se de alguma forma os alunos acham que a violência aumentou na escola após os fatos: bullying, ameaças ou brincadeiras violentas?

3.3 Tratamento de dados

De acordo com a abordagem qualitativa em Goldenberg (2004), Dilthey afirma que “os fatos sociais não são suscetíveis de quantificação, já que cada um deles tem um sentido próprio, diferente dos demais, e isso torna necessário que cada caso concreto seja compreendido em sua singularidade”. Sabemos que essa interação do sujeito com mídia televisiva ocorre a todo momento, não se pode afirmar que todos os que assistem a episódios de violência na televisão tornar-se-ão assassinos em potencial, já foi colocado que “essa interação tem efeito imprevisível”. O caso em questão nunca mais irá ocorrer de forma idêntica em outro local, as motivações serão diversas, os agentes da violência poderão ter outra maneira de externá-la.

A teoria do Determinismo¹⁰, tão amplamente conhecida, que afirma que o homem é fruto do meio não funciona sempre. Não podemos generalizar a Unidade de Ensino por esse episódio, nem considerar qualquer intervenção inválida, já que para os que ali estudam, a convivência com esses problemas é algo normal, habitual.

Os resultados serão refinados dando ênfase às emoções, afeto e

¹⁰Teoria filosófica de que todo acontecimento (inclusive o mental) é explicado pela determinação, ou seja, por relações de causalidade.

comportamento social. As emoções citadas por eles serão categorizadas. A forma de interação com mídia que o aluno tem e a duração desse contato diário é determinante com relação aos efeitos nocivos gerados. A distinção dos dados em relação ao sexo fundamenta-se em pesquisas que apontam reação diferenciada entre os gêneros e que os meninos são mais suscetíveis à violência exposta na mídia que as meninas

O afeto será abordado já que muitos alunos que estavam matriculados na escola na época em que os fatos ocorreram, hoje não estão mais; outros, motivados pela saída desses, também podem ter mudado de instituição e alguns que ainda permanecem podem ter desenvolvido algum bloqueio em relação à escola. Por fim, a interação social entre eles pode ser alterado em virtude da vivência deles, por exemplo, as brincadeiras podem ter ficado mais violentas e eles podem ter ficado mais retraídos em sala de aula, entre outros efeitos negativos.

3.4 Análise

As entrevistas foram gravadas e foram atribuídas iniciais fictícias aos entrevistados. Os dados obtidos foram lidos e tabulados para uma análise de conteúdo discursiva. Foram agrupados em categorias de análise aqueles comentários que apontaram para aspectos relevantes para responder o problema de pesquisa. Em seguida, essas categorias foram interpretadas na discussão dos achados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Contexto

Foram entregues 120 termos de consentimento¹¹ para os alunos que estavam frequentando a instituição após o período de greve escolar. Destas, 35 foram devolvidas com o consentimento dos responsáveis para a participação dos alunos.

Foram agrupados de acordo com a turma pertencente de cada aluno, ficando da seguinte maneira:

Turma “1”: 8 alunos, sendo 4 meninas e 4 meninos;

Turma “2”: 6 alunos, sendo 4 meninas e 2 meninos;

Turma “3”: 3 alunos, sendo 2 meninas e 1 menino;

Turma “4”: 5 alunos, sendo 2 meninos e 3 meninas (sendo que uma não compareceu à entrevista);

Turma “5”: 10 alunos, sendo 4 meninos e 6 meninas e

Turma “6”: 3 alunos, sendo 2 meninos e 1 menina.

A faixa etária dos alunos dos 6º anos estudados é de 11 anos em sua maioria, seguida por 12 anos e a minoria com 13 ou 15 anos (4 indivíduos ao todo). Inicialmente serão colocados aqui os achados de forma individual, depois categorizados.

Os achados na Turma 1 foram que os alunos assistem televisão diariamente, porém acompanham os jornais de conteúdo mais policial e esporadicamente. Acompanharam os fatos veiculados pela mídia. Apontam que mudou “bastante coisa” após os fatos com relação à segurança, educação na escola, tal como benfeitorias estéticas na escola, com jardins. Pois a mesma parecia “deserta”, “largada”, trazia “medo” e parecia mais “fechada”. A transferência voluntária de alunos após os fatos foi uma decisão correta e a expulsão dos suspeitos pelos atos de vandalismo também foi apoiada “pois estavam fazendo mal à escola”. Alguns com medo pensaram em sair, mas por ter esperança de mudança resolveram ficar. Apenas uma aluna do grupo teve contato com alguém que ofereceu drogas a ela, na comunidade o uso de entorpecentes é corriqueiro e nos arredores da escola o uso é feito “a qualquer hora”. Segundo eles a sociedade vê como normal o uso de drogas, mas não concordam. Com isso o sentimento mais citado foi o medo, já que havia preocupação com a segurança e um deles inclusive chegou a ter pesadelos com a situação. Após todo o ocorrido a segurança melhorou consideravelmente, mas fora da escola ainda ocorrem assaltos por exemplo. Os alunos em sua maioria disseram-se felizes em estudar no CEF 33, apenas 1 disse que não. A violência diminuiu na percepção deles.

“A televisão, ela (sic) colocou coisa demais, falou umas coisas que nem tinha dentro da escola (...). Acho isso errado porque está destruindo a escola.”

¹¹Documento que explica a metodologia da pesquisa para os pais e/ou responsáveis a fim de que possam autorizar os filhos, menores de idade, a participar da mesma.

Os achados na Turma 2 foram de que todos assistem à televisão, mas em menor número acompanham os telejornais, somente quando há notícias sobre a escola. Todos acompanharam a situação conflituosa, acham que o que foi noticiado “é real”, mas houve algum exagero, já que não eram todos os alunos que usavam drogas, eram “alguns”, “poucos” ou “pouquíssimos”. Já ofereceram drogas para um deles antes dos fatos, onde eles moram é comum o uso de drogas. Várias mudanças ocorreram na escola: “escola ficou mais calma”, “diminuiu a violência”, a escola está mais bonita devido às mudanças como jardins e pintura dos muros ficou mais segura. O sentimento despertado foi o medo em intensidades diferentes, mas em várias ocasiões: “ao vir para escola sozinho”, “ao sair da escola” e “medo gerado pelas ameaças”, pois os arredores da escola são perigosos. Os alunos que transferiram-se espontaneamente fizeram o melhor que julgaram naquele momento, eles também pensaram em sair dali. São unanimemente felizes em estudar no CEF 33. Alguns relataram ter sofrido preconceito por estudar na instituição de ensino, mas “agora, mudou”, as ameaças diminuíram.

Os achados na Turma 3 foram que às vezes alguns assistem a telejornais, todavia acompanharam os fatos e o que foi mostrado na televisão realmente acontecia. Logo após os fatos alguns alunos sentiram medo, depois de um tempo não mais, dois deles pensaram em pedir transferência. Os que saíram espontaneamente da instituição fizeram certo, pois eram motivados por precaução e medo da violência. As brincadeiras na época do fato mudaram para pior como “lutinha”, por exemplo. “Ameaças no banheiro” (nas paredes) com expressões como “bater” e “matar” tornaram-se comuns. As drogas são tidas como algo comum nos arredores da escola, e somente ofereceram para 1 deles dentro da unidade escolar. A segurança melhorou e estão felizes em estudar ali porque melhorou, as situações de violência acabaram e reformas físicas e visuais na escola contribuíram para essa emoção.

Os achados da turma foram que os alunos assistem a noticiários durante a semana, aos mais policiaiscos esporadicamente. Todos acompanharam os fatos ocorridos na escola, 2 deles ali acham que a realidade foi retratada nas reportagens, houve exagero para 1 deles já que “toda hora tinha pessoa com droga ou atos de violência e não tinha” (sic) segundo as reportagens. Os alunos entrevistados não mudaram seu comportamento após os fatos, mas apontam que a maioria sim, que acabaram ficando mais violentos. Aconteceram brigas, inclusive no intervalo. Para

outro aluno o fato foi normal e para outro não o fato não mudou em nada seu comportamento. Nas ruas as drogas são tidas como algo habitual, o consumo é escondido, geralmente em becos, entretanto é de conhecimento de todos que esse existe. Somente para 1, no local onde mora não há consumo de drogas. Um deles não sentiu medo, outro citou sentimento de insegurança. Após os fatos a segurança melhorou, “tudo melhorou”, “nada piorou”. Inclusive brigas que havia fora da escola cessaram. Sentem-se felizes em estudar ali e não sofrem discriminação de outros por serem discentes do CEF 33. Um deles disse que ainda foi ameaçado após os fatos. As pichações nos banheiros aumentaram seguindo os moldes do que foi feito na sala que destruída pelos vândalos. Segundo os alunos, as pessoas esqueceram o que aconteceu na escola devido à presença de guardas do batalhão escolar no local e um terceirizado. “Depois que viram os guardinhas, as pessoas não estão mais ‘nem aí’ para o que aconteceu na escola.” Aham que faltou algum trabalho da equipe gestora da escola no sentido de acalmar os alunos sobre o ocorrido, porém reconhecem que apenas o fato de o que ocorreu ter sido retratado pela mídia já foi uma medida.

Os achados na turma 5 foram que todos acompanham telejornais, os mais violentos também e até mesmo antes de outros programas como novelas. Acompanharam os fatos, mas o que foi mostrado ali não foi condizente com a realidade, “não mesmo!” segundo eles: “O caso de falarem que tinha venda de droga dentro da sala: isso nunca aconteceu aqui, na escola, nem no ano passado, nem em outros anos, nunca aconteceu isso dentro da escola. Nos arredores pode até ter acontecido.” Segundo eles, nos arredores da escola há muito o consumo e o tráfico de entorpecentes. Houve mudança na segurança da escola, as mudanças visuais foram importantes: como as plantas, os vasos, jardim, espelhos e até ventiladores. A escola ficou melhor e segundo eles “a escola ficou mais mal falada pela aparência: muro pichado, mato alto. E as pessoas já pensavam ‘dentro da escola tem mesmo tráfico de drogas’.” A escola ganhou um “ar diferente” pois antes parecia que “tinha muito malandro”, e a escola tinha “mais pressão” antes das mudanças citadas. Todos pensaram em pedir transferência escola, mas ficaram, entenderam o fato de que alguns transferiram-se pelo medo “pois não conseguiriam se defender” e a expulsão dos supostos autores das ameaças foi apoiada. Na escola nunca ofereceram drogas a eles, nos arredores sim, somente a 3 que não. Na comunidade em que residem há “muita droga” e eles têm medo de passar em alguns locais em

determinados horários, à noite principalmente. Sentiram-se com medo, “ameaçados”, “inseguros”, envergonhados, desgostosos e “um lixo”. Já que “as pessoas olhavam e se estava com o uniforme, havia certa discriminação por estar estudando em escola violenta, como se fosse igual às pessoas que fizeram aquilo.” Sentiram raiva dos autores das ameaças à direção. “ (...) só porque não gosta de uma pessoa, você não deve destruir ‘uma coisa’ que vai causar prejuízo para mil crianças.” Tudo mudou após as intervenções na escola, há segurança noturno, o portão não fica mais aberto, pois antes “entrava qualquer um na escola”. São felizes em estudar na instituição de ensino e hoje gostam mais da escola, acham bom tudo ter se reestabelecido, valorizam as amizades e equipe docente. Segundo os discentes, houve pouco aumento de violência na escola, pois “tem um bocado de gente que quer chamar a atenção, igual àquilo lá na TV: chamou a atenção. A pessoa achou legal, vai lá e quer fazer igual.” Não se sentem mais discriminados, as pessoas “não olham mais pra gente”. Mas “até hoje algumas lembram”. “Nós olhamos mais pras pessoas do que elas olham pra gente, agora.”

A turma 6 não pôde participar da entrevista pela redução do horário da aula destinada para tal. Portanto não temos achados da mesma.

As análises globais, de acordo com a quantidade de alunos que participaram da pesquisa sem mais haver divisão por turmas foram:

Televisão e hábitos em relação a telejornais. Seguem os dados abaixo coletado nas entrevistas:

Aluno G. Turma 1: Diariamente.

Aluno V. Turma 2: Eu assisto, mas nem tanto.

Aluno M. Turma 2: Eu vejo quando tem alguma coisa que acontece com a escola.

Aluno G. Turma 3: De vez em quando eu vejo noticiários que passam

M. Turma 4: Eu assisto quando meu pai assiste.

100% deles assistem à televisão e os mesmos 100% assistem telejornais. O que muda aqui é somente a regularidade com que o fazem.

Desse grupo, 65,62% acham que o que foi veiculado pela mídia foi exagero contra 6,25% que acham que a mídia televisiva foi fiel ao relatar os fatos.

Aluno G. Turma 1: A televisão, ela (sic) colocou coisas demais. Falou umas coisas que nunca teve dentro da escola. Um monte

de coisa que não tinha “a ver” eles falaram, mas o que tinha acontecido mesmo, dessas coisas, eles não falaram.

Aluno F. Turma 2: Exagerou muito.

Aluno G. Turma 3: “Pra mim não.” (Referindo-se sobre a possibilidade de ser real o que a mídia retratou.)

4.2 Mudanças após o caso de violência

34,37% deles apontaram de forma direta ou indireta que a segurança na escola mudou; 25% deles citaram que “muita coisa” mudou, o medo foi citado como mudança na escola por 21,87%; outro tópico muito citado com relação às mudanças foi a questão visual da escola, por 12,5%; alguns citaram que tudo ficou “normal” (sem alterações) 9,37%; violência e ameaça empataram num percentual que pode ser maior (já que a entrevista foi oral e coletiva, além de vários terem citado em uníssono) de 6,25%; para 3,12% deles a educação mudou e para 3,12% ficaram indiferentes aos fatos.

Falas sobre o visual da escola:

Aluno G. Turma 1: Ai, parecia que o local era velho...

Aluno A. Turma 1: A escola era toda largada.

Aluno M. Turma 1: Assim (sic) parecia que o antigo diretor não se preocupava com a escola: piso rachado, tudo caindo...

Aluno V. Turma 2: A escola ficou bem bonita, o policiamento...

Pesquisadora: - Vocês acham as mudanças visuais na escola importantes?

Aluno V. Turma 2: É né... E muito!

Aluno V. Turma 2: Porque depois que o diretor (interventor) novo entrou, ele mudou muitas coisas: antes não tinha jardim, só barro.

Aluno F. Turma 2: A pintura do muro da escola.

Aluno V. Turma 2: Uma mãe quando vier matricular seu filho aqui, vai ver que é uma boa escola: que tem um gramado bonito, vasos bonitos... Então isso influencia a mãe a colocar o filho nessa escola.

Aluno J. Turma 5: Trocaram o campo ali, estão pintando a escola e (trocaram) os ventiladores principalmente.

Aluno L.A. Turma 5: Antes parecia que a escola era...

Aluno J. Turma 5: (...) mal zelada

Aluno L.U. Turma 5: A escola ficou mais mal falada pela aparência dela por fora: o muro todo pichado, por ter mato alto, essas coisas. As pessoas já pensavam assim dentro daquela escola tem mesmo tráfico de drogas!

Aluno L.A. Turma 5: Depois que pintaram a escola, ela está com

alguma coisa diferente... A escola é uma coisa diferente agora.

Aluno L.U.Turma 5: É um ar totalmente diferente.

Aluno L.A.Turma 5: Quando eu entrei, eu pensei que a escola tinha muito malandro, essas coisas (sic).

Aluno P. Turma 5: A escola antes dava muito mais pressão antes deles pintarem esse muro...

Aluno L.A.Turma 5: Antes de colocar jardim, colocar espelhos...

Falas sobre o medo:

Aluno G.Turma 3: Eu, no início fiquei com medo de vir pra escola. Só que depois que eu soube que estava tendo policiamento pra cá, eu quis voltar. Porque eu fiquei quase uma semana sem vir pra escola.

Aluno G.Turma 1: Até quando eu vim fazer a matrícula, fiquei com um pouco de medo. A escola parecia deserta, assim, fechada. Fiquei com um pouquinho de medo.

Aluno L.Turma 2: Eu senti muito medo.

Aluno V. Turma 2: Eu já senti um pouco de medo das ameaças que estavam fazendo.

Aluno F. Turma 2: Na hora da saída e entrada da escola.

Falas sobre segurança:

Aluno J. Turma 5: Principalmente pelo fato da segurança: agora sempre tem um guarda ali.

Aluno L.A. Turma 5: Mas precisou acontecer isso para ter um guarda aqui. Coisa (sic) que tinha que ter sempre.

Aluno L.A.Turma 5: Tudo... Ficou mais seguro, tem segurança noturno...

Aluno C. Turma 5: O portão que ficava aberto e não fica mais.

Aluno T. Turma 5 : Qualquer um entrava nessa escola.

Aluno J.Turma 5: Mas acho que podia melhorar ainda.

Aluno G. Turma : (Melhorou) Ainda mais quando chegaram os guardas.

Aluno I. Turma 1: Mais ou menos, aqui dentro da escola eu não vi mais, mas lá fora eu já fui assaltada. Depois do que aconteceu, quando eu estava saindo.

Aluno L.Turma 2: Agora estamos tendo proteção: mais vigias, mais guardas, mais segurança.

Aluno B. Turma 4: Mas a segurança melhorou com o tempo, tem até um guarda agora e a polícia tomou uma providência.

Aluno F.Turma 2 : (Senti medo) Na hora da saída e entrada da escola.

Aluno J. Turma 5: Principalmente pelo fato da segurança: agora sempre tem um guarda ali.

Aluno I.Turma 4:(...) eu me senti um pouco insegura. Mas a segurança melhorou com os policiais, só de ter uma pessoa ali no portão...

4.3 Transferência de alunos da escola

34,37% Pensaram em transferir-se de escola a exemplo dos que o fizeram; 6,25% apoiam a decisão dos colegas que saíram espontaneamente; outros 6,25% não pensaram em sair; outro grupo de 6,25% aprovaram as expulsões dos supostos envolvidos no ato de vandalismo contra outros 6,25% que apoiaram em parte as expulsões dos alunos.

Dos que pensaram em abandonar a escola acabaram apontando as razões para terem permanecido na instituição escolar: 12,5% apontaram que ou eles mesmos ou os pais e/ou responsáveis deram uma nova chance à escola; 6,25% só continuaram na escola após o policiamento se tornar constante e 3,12% por saber que a mãe resistiria em mudá-lo de escola.

Aluno T. Turma 1: Eu pensei em sair, minha mãe ia fazer a matrícula. Mas como ela soube que ia vir um diretor novo ela deu mais uma chance para esse colégio.

Aluno E., 12 anos, Turma 2: Eu pensei em sair, minha mãe pensou em me tirar. Mas ela falou assim 'Vamos ver se melhora alguma coisa...', aí mudou. Por isso que estou aqui.

Aluno G. Turma 3: Sim, eu pensei em ir para a escola particular onde meu primo estuda, só que eu vi que estava tendo policiamento, daí eu quis ficar.

4.4 Drogas na comunidade e na escola

Sobre a presença de drogas na escola, 65,62% dos alunos alegaram que nunca chegaram a oferecer drogas a eles na escola; apenas 6,25% já foram abordados; nos arredores da escola 50% (para mais) foram abordados. Em relação à presença de droga na comunidade próxima à residência deles 6,25% (para mais) afirmam que percebem o uso de drogas e 9,37% dizem que não.

Pesquisadora:- Já ofereceram drogas pra vocês na escola?

Turma 1: (Os alunos disseram um 'não' unânime).

Aluno B. Turma 4: Nas ruas, fora da escola sim, é uma coisa normal.

Aluno L.U. Turma 5: No caso de falar que tinham venda de droga dentro da sala de aula. Isso nunca aconteceu aqui, nunca!

Aluno L.U. Turma 5: Na escola, nem ano passado nem nos outros anos, nunca aconteceu isso dentro da escola. Nos arredores pode até ter acontecido, mas nunca dentro da escola.

Aluno G.Turma 1: Fora da escola, o uso ocorre) A qualquer hora.

Aluno L.Turma 1: Na praça ao redor da escola, às 9:00 da manhã para eu ir para o reforço, todo dia encontro uma pessoa lá, fumando essas coisas. Até menino de 12, 13 anos fumando lá.

Aluno G. Turma 1: É muita gente aqui usando droga aqui perto da escola.

Pesquisadora: Na comunidade onde vocês moram há muita a presença das drogas? Ou uso ou tráfico?"

Aluno J. Turma 5: Muito, muito, muito.

4.5 Percepções e CEF 33

Os alunos citaram suas percepções sobre a escola em três momentos: antes do problema, durante a ocorrência e desdobramentos e por fim, depois.

Antes dos fatos, a sensação em relação à escola era de abandono para 9,37%; Medo para 6,25% e insegurança para 3,12%.

No decorrer dos fatos, 18,75% citaram que sentiram medo; 12,5% sentiram raiva dos que atacaram a escola; 9,37% citaram que sentiram-se inseguros, outros 9,37% citaram que sentiram vergonha e um terceiro grupo de 9,37% citou que sentiram-se julgados; 3,12% sentiram-se ameaçados; 3,12% citaram que ficaram desgostosos com a situação da escola.

Após os fatos 78,12% sentem-se felizes em estudar no CEF 33.

Aluno V.Turma 2: Eu já senti um pouco de medo das ameaças que estavam fazendo.

Aluno F. Turma 2: (Tive medo) Na hora da saída e entrada da escola.

Aluno G.Turma 1: Até quando eu vim fazer a matrícula, fiquei com um pouco de medo. A escola parecia deserta, assim, fechada. Fiquei com um pouquinho de medo.

Aluno V.Turma 2: A escola ficou bem bonita, o policiamento...

Aluno V. Turma 2: (Vários dizem que sim.)
É né... E muito!"

Pesquisadora: Vocês acham as mudanças visuais na escola importantes?

Aluna L.A. Turma 5: Antes parecia que a escola era...

Aluno J. Turma 5 (...) mal zelada!

Aluno L.U. Turma 5: A escola ficou mais mal falada pela aparência dela por fora: o muro todo pichado, por ter mato alto, essas coisas. As pessoas já pensavam assim 'Dentro daquela escola tem mesmo tráfico de drogas!'

Aluno J. Turma 5: Isso é verdade... Agora eles pintaram aquele muro ali, eu acho que quem passa tem uma visão diferente.

Aluno L.A. Turma 5: Depois que pintaram a escola, ela está com alguma coisa diferente... A escola é uma coisa diferente agora.

Aluno L.U. Turma 5: É um ar totalmente diferente.

Aluno L.A. Turma 5: Quando eu entrei, eu pensei que a escola tinha muito malandro, essas coisas (sic).

Aluno P. Turma 5: A escola antes dava muito mais 'pressão' antes deles pintarem esse muro...

Aluno L.A. Turma 5: Antes de colocar jardim, colocar espelhos...

Aluno J. Turma 5: A escola está indo de bem (sic) pra melhor.

Aluno L.A. Turma 5: Deixavam muito o portão aberto, mas não deixam mais.

Aluno L.A. Turma 5: Tudo... Ficou mais seguro, tem segurança noturno...

Aluno C. turma 5: O portão que ficava aberto e não fica mais.

Aluno T. Turma 5: Qualquer um entrava nessa escola.

Aluno J. Turma 5: Mas acho que podia melhorar ainda.

Aluno L.A. Turma 5: Me senti com vergonha... Inseguros... Um lixo!!!

Aluno L.U. Turma 5: Eu me senti com vergonha. Porque as pessoas olhavam pra gente, e por estar com uniforme, com uma certa discriminação por estar estudando numa escola violenta. Achar que você é igual às pessoas que fizeram aquilo.

Aluno A.C. Turma 5: Eu sentia muita vergonha.

Aluno P. Turma 5: Algumas pessoas passavam e ficavam olhando pra você assim, do nada e você pensava 'véi, o que eu fiz?'

Aluno I. Turma 5: Um desgosto!

Aluno L.A. Turma 5: Ficavam olhando pra você como se fosse um lixo...

Aluno P. Turma 5: (...) olhando como se fosse marginal daquela escola.

Pesquisadora: Alguém sentiu raiva?"

Alunos J. E I. Turma 5: Sim.

Pesquisadora: De quem?”

Aluno L.U.Turma 5: De quem fez aquilo.

Pesquisadora: Vocês estão felizes estudando aqui?

Aluno V. Turma 3: Eu tô, mudaram muitas coisas.

Aluno B. Turma 4: Me sinto (sic) feliz. Pra mim é normal essa escola.

Aluno T. Turma 5: Hoje sim...

Aluno C.Turma 5: Melhorou.

Aluno L.A.Turma 5: Hoje gosto (de estudar aqui).

4.6 Segurança na escola

Sobre a segurança na escola e se de alguma forma, a violência foi reproduzida, os dados foram os seguintes:

A escola está mais segura para 62,5% dos alunos entrevistados; a violência aumentou para 34,37% deles; contrariando 25% que afirmaram que a violência diminuiu; para 3,12% nada mudou e outros 3,12% mostraram-se indiferentes aos fatos.

Dos que afirmaram que a violência aumentou, 9,37% deles indicaram aumento das brincadeiras violentas; 15,62% indicaram que as ameaças aumentaram e 6,25% indicaram o bullying como efeito dos fatos.

Aluno G. Turma 3: Agora eles ficam fazendo brincadeira de lutinha, violência.

Pesquisadora: - Em relação às ameaças escritas nas paredes e portas dos banheiros dos alunos?

Aluno V.Turma 3: Isso aumentou, tem mais ameaças lá.

Aluno G.Turma 3: Falando para sair de perto das pessoas, que vai bater nas pessoas...

Aluno V.Turma 3: Falando que vai matar as pessoas...

Aluno M.Turma 4: Aumentou um pouco (o número de pichações com ameaças nos banheiros) depois do que aconteceu.

Pesquisadora: E o bullying aumentou depois?

Aluno L.A. Turma 5: Aumentou mais ou menos...

Aluno P. Turma 5: Bastante! Nas salas mais ainda...

Aluno L.Turma 2: Ainda está tendo muita briga no intervalo...

Aluno M., Turma 4: (...) a maioria das pessoas da escola ficaram (sic) mais violentas.

Aluno B. Turma 4: Pra mim, aqui fez foi (sic) melhorar. Principalmente a segurança. Agora nada piorou. Só foi esse fato mesmo que aconteceu.

Aluno I.Turma 1: (A violência) Diminuiu muito mais.

Aluno V.Turma 2: A escola ficou mais calma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade Escolar da região sofre com o problema do tráfico de drogas nos arredores da escola, constantes assaltos a alunos nas ruas próximas às Unidades de Ensino. São constantemente retratados no noticiário policial, inclusive com menção a um caso emblemático de um traficante que invadiu uma escola próxima à pesquisada a cavalo para cobrar dívidas de um usuário de drogas.

É uma população de baixa renda, que sofre com a ausência de serviços públicos como falta de policiamento ostensivo e a não atuação do Estado até mesmo com questões básicas como escoamento de águas pluviais, causando enchentes em períodos de chuva mais intensa. Como visto no decorrer desse trabalho, a população de baixa renda tende a render-se à televisão mais facilmente, devido a fatores como ajuda nos afazeres domésticos ou mesmo pela falta de recursos para ter acesso a outras formas de lazer.

Os alunos demonstraram ter acesso aos telejornais e todos acompanharam os fatos desdobrados na escola, há um controle no que a maioria assiste. Entretanto, vários deles disseram que assistem ao mais violento da atualidade e isso já demonstra a desobediência às classificações indicativas. Surpreendeu o fato de que os garotos, aparentemente pequeninos, incapazes de entender algumas situações já buscam informações. Pelos relatos percebi o quanto são influenciáveis, a maioria sentiu os reflexos do fato veiculado na mídia televisiva. Um deles somente relatou a ocorrência de pesadelos com a temática problemática vivida. Mas somente esse único dentre os 32, já mostra que os resultados dessa exposição midiática existem.

Contudo, chamou a atenção que a violência por si só, não interferiu tanto na percepção dos alunos, a visão deles também apontou para as reformas visuais da escola. Tanto que quando se falou do tópico sobre mudança na entrevista, citaram muito as questões visuais. Sobre isso, depreendo uma série de apontamentos: antes dos fatos, a escola tinha o muro externo pichado, não tinha sequer a indicação do nome da escola “CEF 33” e mato alto nos arredores. Em relação a esses aspectos vemos o quanto os estereótipos são reforçados, alguns alunos citaram diretamente na entrevista uma discriminação associada ao reflexo midiático do evento de violência e a apresentação visual da escola.

É necessário romper esse ciclo de determinar o aluno que é “um caso

perdido”, que “essa escola é assim mesmo”, “isso aí não tem como mudar” percebi que a sociedade no geral, padece muito disso. Quando os alunos perceberam que alguém chegou ali com outro olhar, perceberam-se de outra maneira.

É nítido que as crianças sentiram-se empoderadas após modificações, que são simples, mas o efeito neles foi extraordinário. A pintura do muro e de outros locais como o pátio, implantação de um jardim, colocação de vasos com plantas nos corredores, conserto dos ventiladores das sala de aula. Sentiram-se valorizados como pessoa e até perceberam que um dos valores passados a eles, por meio dessas ações contribuiu para sua educação. Só não souberam dizer que esse feito de colocar plantas, atingiu um eixo transversal da educação que está no Currículo da Educação Básica.

Os motivos para isso não ser feito antes da retratação da mídia televisiva, foi que o Conselho Escolar da escola estava burocraticamente impedido de atuar, porque alguns servidores mudaram de escola e o no documento seus nomes constavam ainda, entretanto na prática, não havia essa atuação. Percebemos, às vezes, como alguns ritos burocráticos atrapalham o acesso ao Caixa Escolar, por exemplo, a verba pública a que a escola tem direito algumas vezes não é liberada e quando a verba está em conta, muitas instituições escolares não podem acessá-la por problemas semelhantes.

Há a crença de que as escolas particulares são melhores que as públicas, a meu ver, que se inicia nesse quesito visual. A construção do conhecimento dos alunos não é favorecida na escola pública por vários elementos: sala de aula com carteiras quebradas, ventiladores quebrados e tetos que esquentam muito nos períodos de calor, chão das salas esburacados, tetos com buracos nos forros, banheiros com portas destruídas, sem torneiras, com paredes pichadas, quadras poliesportivas com o piso esburacado, sem pintura na quadra, sem material esportivo, ou quando tem esse material, ele se apresenta ineficaz na aprendizagem de uma prática esportiva e no desenvolvimento de atletas. Tudo isso e mais foi visto nessa escola e não caberia tudo se fosse citar aqui, não citei a falta de umabiblioteca com mais exemplares, num espaço mais atraente para os alunos.

Quem não quer ou sente-se atraído a estudar num local com a estrutura impecável, limpo, organizado, amplo, a ponto de ser um deleite visual? Só isso, como percebemos já emana os valores da instituição, as escolas públicas do Distrito Federal carecem de benfeitorias, não são raros os caos que aparecem na televisão

de reformas que duram uma eternidade, a existência de escolas de lata; mas ainda assim, nossos valores como docentes estão presentes, mas quando um pai vê-se no meio de um problema dessa natureza de drogas e violência é mais que compreensível o desejo de transferir seu filho, é legítimo.

A falta de pessoal, também agravou muito a ocorrência dos fatos no CEF33, não havia porteiro, vigilante e ainda não há coordenador pedagógico. O concurso para orientador já foi realizado, mas não se nomeou ninguém até agora, e as escolas (cada dia mais superlotadas) precisam desse profissional. O vigilante que está lá atualmente é quem cuida da portaria da escola, o Batalhão Escolar acompanhou esse período de transição. Mas a pergunta que todos se faziam é ‘até quando?’, mesmo com a presença deles, é de conhecimento da comunidade e dos alunos a existência de problemas relacionados a drogas na região. Um dia, após os fatos, jogaram uma bomba dentro da unidade escolar, na área do estacionamento. Nenhuma providência foi tomada. As quadras perigosas foram até citadas, mas será que o poder público inibe essa ação contínua? Alguns alunos citam que vão na companhia de familiares à escola por medo nos períodos de entrada e saída.

Foi citada a abertura da escola à Comunidade Escolar aos sábados e que foram disponibilizadas atividades para eles. Algumas vezes, os estereótipos do lugar e dos alunos já estão tão arraigados que podem impedir a realização de eventos como esse. Lá, serviu para resgatar a autoimagem dos alunos. O que antes impedia a realização disso era a baixa lucratividade de alguns eventos para a escola, que já não tinha dinheiro disponível em caixa, o que impedia a vivência e a construção e/ou manutenção dessa relação que deve ser constante com a Comunidade Escolar, já que estamos com a Gestão Democrática “implantada”, devemos buscar garantir sua vivência.

Infelizmente, outra ferramenta importante inexistia, o Projeto Político Pedagógico era de uma Escola Classe. A equipe de professores e interventor perceberam que deveria ter feito um Projeto Político Pedagógico que contemplasse a realidade de Centro de Ensino Fundamental. Várias ideias de projetos surgiram, desde a destinação de verba e de melhoras de espaço como o da biblioteca, por exemplo. Isso possibilitou até a reestruturação do Conselho Escolar.

Os resultados da pesquisa foram diversos, até porque não podemos considerar um padrão comportamental com nossos alunos, mas uma questão apontada foi a internalização da violência. Uma das turmas com maior problema de

bullying, brigas, sumiço de matérias e que causava problemas aos professores no decorrer da aula, são os mesmo que assistem à programação violenta da televisão por mais tempo e que têm a faixa etária mais alta. Em outras turmas, os alunos tinham até um receio em admitir que assistiam aos jornais ou programas mais sensacionalistas e com cenas explícitas de violência. Essa naturalização da violência é tão presente, que alguns alunos da turma chegaram a afirmar que houve exagero em relação às ameaças feitas aos diretores. Há provas irrefutáveis do risco de morte que corriam, com as ameaças nas paredes e até com as facas que eram encontradas escondidas no pátio. Chegava-se às facas por denúncias de outros alunos que apontavam a tentativa de emboscada dos supostos envolvidos. Até mesmo durante a entrevista, percebi o bullying sendo praticado na turma e constatei que o bullying para eles não é violência, é só uma brincadeira.

Numa outra turma, uma garota cortava-se sem motivo aparente (automutilação) e apontou que outras também o faziam. Outro exemplo de que eles não tem noção do que a violência ao próprio corpo pode causar ou como os teóricos vistos na pesquisa afirmam sobre essa dessensibilização, essa suposta resistência física na mentalidade deles. Nos intervalos subsequentes o clima era de medo, mas as ameaças continuaram ocorrendo e eram corriqueiras na escola. Mesmo entre alunos do 6º ano, as ameaças continham ameaças de morte comumente.

Depois da segurança instalada com terceirizados, batalhão escolar fixo, os alunos sentem-se mais seguros e felizes. Fiquei particularmente surpresa e satisfeita com isso. Já que a mídia mostrou-se irresponsável na maneira como retratou a escola. Na época em que tudo aconteceu, a equipe docente reclamou de que uma emissora agrupou numa mesma reportagem imagens de duas escolas distintas numa só, mas não explicitou a qual das duas a reportagem se referia. Como resultado de tudo isso, tivemos a transferência de ótimos alunos ocasionadas por medo, a vivência de situação de preconceito com os alunos nas ruas e até de outras pessoas que quando sabiam onde eu estava lecionando reagiam de forma que me incomodava.

Infelizmente hoje é mais explícita, mais comum que com gerações anteriores essa percepção da venda e uso de entorpecentes, antigamente era mais como um tipo de lenda, falácia, hoje não. Muitos alunos acham que os fatos foram aumentados ou criados pelas reportagens. Os professores também compartilham dessa visão. Porém, como docentes, não fomos amparados pela SEEDF de forma

mais atuante, tivemos visitas de pessoas ligadas à regional sobre o tema em uns 2 dias, depois até foi prometida uma Oficina para combater o stress, mas até hoje nada se viu.

A escola pública está abandonada. A mídia televisiva deveria ser responsabilizada pelas declarações irresponsáveis sobre uma instituição tão importante. Houve uma chamada “Lei da Mordança” instaurada pelo secretário de educação, mas que visava mais coibir a denúncia de irregularidades nas instituições à promoção de proteção à escola pública.

O problema emocional nos meninos chamou a atenção, como poderemos oferecer educação de qualidade se nosso foco está só no intelecto do aluno? Devemos perceber globalmente suas nuances... No trecho em que uma turma desabafou que sentiu-se “um lixo”, que sentiu “vergonha” me contive para não demonstrar minha emoção na frente deles.

E depois que tudo passou, ninguém mais fala de CEF 33. A mídia esqueceu, a sociedade esqueceu, mas a equipe da escola ainda não os fatos. Os alunos estão empoderados, mas o problema com relação às drogas esbarra em vários outros que não cabe mais a nós, docentes enfrentar. Termina com a fala de um aluno, que depois das mudanças resumiu brilhantemente o que aconteceu com nossos alunos, o que eles julgam como importante naquele lugar, que pra mim é serem ouvidos, valorizados como cidadãos. Reforço que a escola precisa de muitos elementos que foram citados: recursos financeiros, participação da Comunidade Escolar, Projeto Político Pedagógico e o principal que é a vontade de realizar.

“Acho que a gente olha mais pras pessoas do que elas olham pra gente agora.”

J. (11 anos)

REFERÊNCIAS

AUTOMUTILAÇÃO. **In:Wikipédia:***a enciclopédia livre*. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Automutila%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 16 jan 2016.

BELLONI, M.L. **Infância, máquinas e violência**. V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, p.575-598. Disponível em<<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21469.pdf>>. Acesso em 3 out 2015.

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Maria Luiza Belloni - 2ed – Campinas, SP: Autores Associados, 2005 -(Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

BRASIL. ANDI.**Comunicações e Direitos, Intervenções Coletivo Brasil de Comunicação Social. Mídia e Infância: O impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na TV**. 2012. Disponível em: <www.andi.org.br/file/50237/download?token=TQcJv9Ai>. Acesso em 30 set 2015.

BULLYING. **In: Wikipédia:** *a enciclopédia livre*. Disponível em:<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>>. Acesso em: 16 jan 2016.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA. **In:Wikipédia:***a enciclopédia livre* . Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_Classifica%C3%A7%C3%A3o_Indicativa_Brasileiro>. Acesso em: 16 jan 2016.

DETERMINISMO. **In:Wikipédia:** *a enciclopédia livre*. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Determinismo>>. Acesso em: 16 jan 2016.

DORIGONI, G.M.L.; SILVA, J.C. **Mídia e educação: o uso das novas tecnologias o espaço escolar**.Disponível em <https://drive.google.com/folderview?id=0BwwhAm9usTP9fkhhTC1nMU5tczhtOHBP_TzILWGNFWHpvTGZXbEhDQVh4NTFVWl81N1I3cms&usp=drive_web&tid=0BwwhAm9usTP9fjZuYWZmZEwtSHVG0XJxQkxhFVVc2X1J1TWNrRDEwZDZFA1SzNIQkdYVHc>. Acesso em: 5 set 2015.

GONNET, J. **Educação e mídias**. Edições Loyola. Press Universitaires de France, 1997, 108 boulevard Saint-Germain, 75006, Paris.

IBOPE. **In: Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Brasileiro_de_Opin%C3%A3o_P%C3%BAblica_e_Estat%C3%ADstica>. Acesso em: 16 jan 2016.

MEDEIROS, L.M.V; MELO, M.C.B; BARROS, E.N; LAGES, A. **A violência na programação infantil da televisão aberta no Brasil.** Revista Pshychologica. 2009, 50, 311-321.

MORAN, J. **Desafios da televisão e do vídeo à escola.** Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje. no dia 25/06/2002. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm2>>. Acesso em 08 de setembro de 2015

SEPULVEDA, D.V. **A banalidade do mal: O excesso de violência na mídia.** Anais Completos do 10º Interprogramas de Mestrado Faculdade Casper Líbero. São Paulo, 7 e 8 de novembro de 2014. Disponível em <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/interprogramas/textos-completos-2014/>>. Acesso em 20 set 2015.

TELEFONE. **In: Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Telefone>>. Acesso em: 16 jan 2016.

APÊNDICE

Entrevista Turma 1

Pesquisadora: - Quero saber primeiro se vocês assistem à televisão, especialmente programas policiais e telejornais.

Pesquisados: - Sim. – Uníssonos.

Pesquisadora: - E assistem àqueles considerados mais pesados?

Pesquisados: - Sim. – em tempos diferentes.

Aluno G: - Àquele que passa mais à noite (sic).

Pesquisadora: - Assistem muito?

Aluno G: - Diariamente.

Aluno B: - Mais ou menos.

Pesquisadora: - Todo o dia, todos vocês?

Pesquisados: - Não. – quase ao mesmo tempo.

Pesquisadora: - E os fatos sobre a escola, vocês acompanharam?

Pesquisados: - Sim. – Uníssonos.

Pesquisadora: - Todo mundo?

Pesquisados: - Sim! - Uníssonos.

(Neste momento houve uma intervenção esclarecendo que poderiam falar mais do que somente afirmar ou negar nas suas respostas. Após isso, a entrevista continuou.)

Pesquisadora: - Mudou alguma coisa depois do que houve na escola?

Aluno G: - Bastante.

Aluno C: - Mais ou Menos.

Aluno D: - Sim, bastante.

Pesquisadora: - O que mudou, por exemplo?

Aluno A: - A segurança.

Aluno M: - A educação.

Pesquisadora: - A educação mudou como? Como você percebeu isso?

Aluno A: - Na escola: que o diretor fez o jardim, “os negócios” (sic).

Pesquisadora: - Vocês acham importante essa questão visual da escola? Essas mudanças?

Aluno U: - Sim.

Aluno AN: - Sim, também.

Aluno L: - Também.

Pesquisadora: - Antes vocês tinham qual sensação em relação à escola então?

Aluno G: - Ai, parecia que o local era velho...

Aluno P: - Medo.

(Risos dos alunos nesse momento)

Aluno A: - A escola era toda largada.

Aluno M: - 'Assim' (sic), parecia que o antigo diretor não se preocupava com a escola: piso rachado, tudo caindo...

Aluno G: - Até quando eu vim fazer a matrícula, fiquei com um pouco de medo. A escola parecia deserta, assim, fechada. Fiquei com um pouquinho de medo.

Pesquisadora: - E com a transferência espontânea de alguns alunos depois do que aconteceu, como vocês viram isso? Eles estão certos em sair? Vocês pensaram em sair também?

Alunos P, L, E: - Sim.

Aluno G: - Achei certo, porque eles estavam praticamente fazendo mal para a escola.

Aluno L: - Eu não pensei não.

Pesquisadora: - E quem pensou em sair, mas ficou na escola. Por que ficou?

Aluno T: - Eu pensei em sair, minha mãe ia fazer a matrícula. Mas como ela soube que ia vir um diretor novo ela deu mais uma chance para esse colégio.

Aluno M.I: - Porque minha mãe não ia deixar.

Aluno G: - Eu "tava" (sic) pensando em sair, mas vi que a escola estava mudando, aí eu fiquei também.

Pesquisadora: - Pessoal, em relação a drogas: aqui na escola, já ofereceram a vocês?

(Pesquisados em uníssono disseram que não).

Pesquisadora: - Na comunidade em que vocês vivem, as drogas são comuns? Vocês veem o uso ou tráfico?

(Vários pesquisados afirmaram que sim.)

Aluno P: - Para meu vizinho é. Os filhos dele toda hora tá (sic) lá na frente, fumando toda hora. Dá pra sentir o cheiro (sic) lá dentro de casa.

Aluno L.P: - Moro numa chácara, professora. Os “caras”, quando eu volto da escola, sempre encontro eles (sic) debaixo da árvore lá, usando algo...

Aluno U: - Perto da minha casa, não tem professora.

Aluno E: - Na minha rua, geralmente não. Mas perto da escola, nas praças, encontram bastante.

Pesquisadora: - Aqui perto da escola é muito comum então?

Vários afirmam: - Sim e muito.

Aluno G: - Sim, ainda mais lá fora.

Pesquisadora: - A qualquer hora?

Aluno G: - A qualquer hora.

Aluno L.P: - Na praça ao redor da escola, às 9:00 da manhã para eu ir para o reforço, todo dia encontro uma pessoa lá, fumando essas coisas. Até menino de 12, 13 anos fumando lá.

Pesquisadora: - Vocês acham que a sociedade vê as drogas com normalidade ou não?

(Os alunos aqui somente acenam afirmativamente com a cabeça)

Pesquisadora: - E o que vocês acham sobre isso? É normal?

Aluno L.P: - Às vezes sim, às vezes não.

(Vários afirmam que acham normal)

Pesquisadora: - Em relação aos sentimentos de vocês, como se sentiram quando aconteceu tudo isso na escola? Quais sentimentos foram despertados em vocês?

(O sentimento de medo foi citado por vários alunos)

Aluno A.M: - Preocupação.

Aluno G: - Insegurança.

Aluno P: - Fui assaltado bem aqui na porta da escola. Meu pai chegou na hora. Era um menino de 10 anos, meu pai seguiu ele (sic) e o menino disse que já tinha roubado R\$ 100,00 (cem reais) da mãe dele.

Aluno I: - Sensação de que a qualquer hora ia ter um “arrastão”. Iam roubar tudo nosso, eu tinha essa sensação.

Pesquisadora: - Vocês chegaram a ficar com algum trauma depois do que aconteceu? Por exemplo, sonhar ou imaginar frequentemente o que poderia acontecer na escola?

Aluno A: - A maioria não.

Aluno P: - Eu sonhei uma vez.

Aluno G: - Só pensava quando estava na escola mesmo, eu ficava com um pouco de medo.

Pesquisadora: - A escola melhorou?

(Os alunos afirmaram em uníssono que sim).

Aluno G: - Ainda mais quando chegaram os guardas.

Pesquisadora: - Acabou realmente com o que diziam que acontecia?

Aluno I: - Mais ou menos, aqui dentro da escola eu não vi mais, mas lá fora eu já fui assaltada. Depois do que aconteceu, quando eu estava saindo.

Aluno G: - Nunca mais falaram da escola.

Pesquisadora: - Vocês são felizes em estudar aqui?

(Vários disseram que sim e variações afirmativas na resposta. Somente uma disse que não.)

Pesquisadora: - A violência, depois de tudo o que houve, aumentou ou diminuiu na escola?

Aluno G: - Diminuiu.

Aluno I: - Diminuiu muito mais.

Pesquisadora: - Há mais algo que vocês queiram falar sobre o que aconteceu? Querem acrescentar algum sentimento ou algo que queiram que as pessoas saibam?

Aluno G: - A televisão, ela (sic) colocou coisas demais. Falou umas coisas que nunca teve dentro da escola. Um monte de coisa que não tinha “a ver” eles falaram, mas o que tinha acontecido mesmo, dessas coisas, eles não falaram.

Como por exemplo, lá no fundo do corredor tem uma janela quebrada, disseram que foram os alunos que deram um tiro lá. Há um tempo atrás, falaram que aquilo foi causado por um acidente com uma pedra. Não tem nada a ver com aquilo... Eu acho isso errado porque assim está destruindo a escola.

Pesquisadora: - Alguém acha que lá na televisão foi reproduzido o que aconteceu na realidade ou houve exagero?

(Alunos respondem que houve exagero em uníssono).

Entrevista da Turma 2

Pesquisadora: - Quero saber o que vocês assistem na televisão em relação a noticiários e programa policial. Se assistir, muito ou pouco?

Aluno V: - Eu assisto, mas nem tanto.

Aluno L: - Eu assito, só que pouco.

Aluno F: - Eu assisto porque eu vejo o que está acontecendo na escola.

Aluno M: - Eu vejo quando tem alguma coisa que acontece com a escola.

(2 outros alunos assistem, mas com pouca intensidade).

Pesquisadora: - E sobre os fatos ocorridos na escola, vocês acompanharam o que aconteceu?

(Os alunos respondem quase em uníssono que acompanharam os fatos).

Pesquisadora: - Alguém quer falar se o que foi retratado ali é a realidade do que houve?

Aluno L: - Por causa do que aconteceu no meio do ano, quando quebraram a escola. O diretor e a diretora queriam sair por causa da violência... de ameaças de morte.

Pesquisadora: - Vocês acham que aconteceu realmente o que foi retratado pela mídia?

(Os alunos disseram que sim de forma reticente. Após essa reação, mantive a questão).

Pesquisadora: - Ninguém acha que exagerou?

Aluno V: - Eu acho.

Aluno F: - Exagerou muito.

Aluno E: - Exagerou um pouco.

Pesquisadora: - Em que ponto houve exagero?

Aluno E: - No ponto de falar que todos os alunos eram assim: de que ou usava droga ou traficava.

Aluno L: - Eles aumentaram muito.

Aluno F: - Só alguns eram assim, não todos.

Aluno V: - Eram pouquíssimos que usavam.

Pesquisadora: - Já ofereceram drogas a vocês? Na escola?

Aluno V: - Sim, pra mim sim.

(Os demais alunos disseram que não ofereceram a eles).

Pesquisadora: - Antes ou depois do ocorrido na escola?

Aluno V: - Antes. No começo do ano, no meio também.

Pesquisadora: - E alguma mudança ocorreu depois desse desentendimento na escola?

(Os alunos foram uníssonos em dizer que houve mudanças.)

Pesquisadora: - Em relação a vocês primeiro, mudaram algo? Como por exemplo, percurso ou comportamento na escola?

Aluno F e L: - Mais ou menos.

Aluno V: - Sim.

Pesquisadora: - Como assim “mais ou menos”?

Aluno V: - A escola ficou mais calma.

Aluno F: - Diminuiu a violência que acontecia antes.

Aluno L: - Agora estamos tendo proteção: mais vigias, mais guardas, mais segurança.

Pesquisadora: - E em relação aos sentimentos de vocês, o que mudou? Como ficaram? Vocês sentiram medo ou algum outro sentimento em algum período? Ou não sentiram nada?

Aluno L: - Eu senti muito medo.

Aluno V: - Eu já senti um pouco de medo das ameaças que estavam fazendo.

Aluno F: - Na hora da saída e entrada da escola.

Pesquisadora: - Alguém ficou com raiva?

(Todos os alunos negaram que ficaram com raiva).

Aluno G: - Fiquei com medo, eu venho para a escola sozinho.

Aluno V: - Eu também. Eu antigamente vinha com meu irmão, mas agora estou vindo só, então, dá um pouco de medo. A (quadra) 26 ali é muito perigosa. Da 26 para a (quadra) 12.

Pesquisadora: - E essa saída de outros alunos da escola, que não estavam envolvidos na questão, foi uma decisão certa? Foi o melhor a se fazer?

Aluno F: - Para eles foram (sic). Eles estavam com medo, então foi a melhor coisa a se fazer.

Aluno V: - A verdade é que muitos saíram por causa das mães. Porque a mãe achava que estava perigoso. Minha mãe, principalmente, queria me tirar daqui, me

mudar pra outra escola. Aí eu falei pra ela ‘mãe, deixa eu ficar até o final do ano’, ela concordou.

Aluno E: - Eu pensei em sair, minha mãe pensou em me tirar. Mas ela falou assim ‘Vamos ver se melhora alguma coisa...’, aí mudou. Por isso que estou aqui.

Pesquisadora: - Onde vocês moram, a droga é algo comum? Vocês veem, percebem isso?

(Vários dizem que sim, alguns dizem que não.)

Aluno V: - Muito! Todos os dias!

Aluno G: - Não, a gente não vê. Mas acho que tem.

Aluno V: - Onde eu moro, existe (sic) vários (pontos de uso de drogas).

Aluno L: - Perto da minha casa sempre tem um grupo de 3 pessoas usando alguma coisa.

Aluno V: - Onde eu moro, principalmente. Porque eu moro num prédio e que tem “tipo” um campo e lá tem um resto de construção e o povo fica lá fumando... fumando maconha. Sei lá, usando várias coisas.

Pesquisadora: - Depois das mudanças que tiveram, outras emoções foram despertadas em vocês? Estão mais tranquilos agora?

(Vários respondem que sim.)

Aluno V: - A escola ficou bem bonita, o policiamento...

Pesquisadora: - Vocês acham as mudanças visuais na escola importantes?

(Vários dizem que sim.)

Aluno V: - É né... E muito!

Aluno F: - Nos sábados eles colocaram atividades para a gente fazer, se quisesse. Isso é legal.

Aluno V: - Porque depois que o diretor (interventor) novo entrou, ele mudou muitas coisas: antes não tinha jardim, só barro.

Aluno F: - A pintura do muro da escola.

Aluno V: - Uma mãe quando vier matricular seu filho aqui, vai ver que é uma boa escola: que tem um gramado bonito, vasos bonitos... Então isso influencia a mãe a colocar o filho nessa escola.

Aluno L: - Agora a escola está ficando mais ecológica.

Aluno F: - Mais segura né... Também porque agora tem vários policiais ali fora.

Pesquisadora: - Vocês são felizes em estudar aqui?

(Todos disseram que sim.)

Pesquisadora: - Sofrem preconceito quando falam que estudam aqui?

(Vários dizem que 'sim e muito!').

Aluno F: - Um pouco, as pessoas falam assim: ' Nossa! Aquele colégio que aconteceu aquele negócio...'. Mas eu falo 'Não, agora mudou. Eu gosto de lá.'

Pesquisadora: E a violência aumentou ou diminuiu depois desses fatos na escola?

(Todos em uníssono dizem que diminuiu).

Aluno L: - Ainda está tendo muita briga no intervalo...

Aluno E: - Não, parou agora, L.

Aluno V: - Ameaças também pararam.

Aluno E: - É, as ameaças pararam mais.

Entrevista da Turma 3

Pesquisadora: - O que vocês assistem na televisão? Em relação a noticiários? Com que frequência?

Aluno G: - De vez em quando vejo noticiários que passam. Eu soube do que aconteceu aqui por causa disso. Que tinham destruído a biblioteca e que não ia mais ter aula por alguns dias.

Aluno V: - Eu também. Soube que tinham ameaçado de matar professores e diretores.

Pesquisadora: - E o que mudou em relação ao sentimento de vocês as emoções mudaram depois dos fatos?

Aluno G: - Eu, no início fiquei com medo de vir pra escola. Só que depois que eu soube que estava tendo policiamento pra cá, eu quis voltar. Porque eu fiquei quase uma semana sem vir pra escola.

Aluno V: - Eu também.

Pesquisadora: - Vocês pensaram em sair da escola por causa disso, como outros alunos fizeram?

Aluno V: - Sim.

Aluno G: - Sim, eu pensei em ir para a escola particular onde meu primo estuda, só que eu vi que estava tendo policiamento, daí eu quis ficar.

Pesquisadora: - Os alunos que saíram fizeram certo ou não?

Aluno V: - Sim, pela violência na escola.

Aluno G: - Sim, por motivo de precaução, medo... As brincadeiras depois disso mudaram um pouco.

Pesquisadora: - Mudaram para melhor ou pior?

Aluno V: - Para pior na época.

Aluno G: - Para pior.

Pesquisadora: - O que mudou, por exemplo?

Aluno G: - Agora eles ficam fazendo brincadeira de lutinha, violência.

Pesquisadora: - Em relação às ameaças escritas nas paredes e portas dos banheiros dos alunos?

Aluno V: - Isso aumentou, tem mais ameaças lá.

Aluno G: - Tem mais coisa no banheiro das meninas. Tem um monte de coisa pichada nas portas do banheiro.

Pesquisadora: - Tem ameaça?

(Os alunos respondem em uníssono que há ameaças naquele local.)

Aluno G: - Falando para sair de perto das pessoas, que vai bater nas pessoas...

Aluno V: - Falando que vai matar as pessoas...

Pesquisadora: - E essa questão das drogas nos arredores da escola é normal?

Aluno G: - É.

Aluno V: - É. Muitas escolas têm isso né...

Aluno G: - Aqui, mais de noite, que eu tenho de passar por aqui pra ir para casa, fica com muito cheiro de droga, de maconha. É muita gente aqui usando droga aqui perto da escola.

Pesquisadora: - E já chegaram a oferecer aqui dentro da escola para vocês?

Aluno G: - Pra mim não.

Aluno V: - Pra mim já.

Pesquisadora: - E depois do fato, continuaram?

Aluno V: - Não, pararam.

Pesquisadora: - Vocês estão felizes estudando aqui?

Aluno V: - Eu tô, mudaram muitas coisas.

Aluno G: - Eu tô porque aqui melhorou. Já reformaram outras coisas. Está melhor.

Pesquisadora: - Em relação às drogas, após tudo isso que foi feito, vocês acham que melhorou?

Aluno V: - Melhorou bastante.

Aluno G: - Sim.

Pesquisadora: - Vocês veem muita televisão? O que assistem?

(Os dois disseram que sim e que assistem a jornais e noticiários.)

Pesquisadora: - O que acham daqueles jornais que tem o conteúdo de mais violência, com os detalhes dos crimes? Como vocês se sentem vendo aquela programação?

Aluno G: - De vez em quando fico com medo de vim...

Pesquisadora: - E o que foi mostrado nas reportagens sobre a escola, é verdade?

Aluno G: - Sim.

Aluno V: - Pra mim não.

Entrevista da Turma 4

Pesquisadora: - O que vocês assistem na televisão? Com relação a noticiários e programas jornalísticos. Vocês assistem?

Aluno M: - Eu assisto.

Aluno B: - Sim.

Pesquisadora: - Por muito tempo?

Aluno M: - Eu assisto quando meu pai assiste.

Aluno B: - Eu assisto mais na semana. (Citou vários que assiste.)

Pesquisadora: - E os mais pesados, aqueles policiais mesmo, vocês assistem?

Aluno I: - Não. Eu não assisto.

Aluno B: - Sim.

Pesquisadora: - Assistem muito?

Aluno M: - Mais ou menos.

Aluno B: - Não.

Pesquisadora: - O que vocês acham de pessoas que tomam como exemplo casos de violência e imitam em outras ocasiões? Esses casos servem como modelo?

Aluno M: - Eu acho que não. As pessoas tem que imitar o que as pessoas estão fazendo de certo e não o que estão fazendo de errado.

Pesquisadora: - Vocês acompanharam o que aconteceu na escola?

(Os alunos responderam 'sim' quase uníssono.)

Aluno B: - Eu acompanhei pelos jornais e pela escola mesmo, até quando não teve aula.

Pesquisadora: - Vocês acham que o que foi retratado ali é realidade ou exagero?

Aluno M: - Eu achei que tinha muito exagero.

Aluno B: - Realidade. Até mesmo com o que aconteceu aqui na escola: acabaram com a sala.

Aluno M: - Mas exageraram um pouco: disseram que toda hora tinha droga e violência e não tinha.

Pesquisadora: - Já ofereceram drogas pra vocês na escola?

(Os alunos disseram um 'não' uníssono).

Aluno B: - Na escola não.

Pesquisadora: - E nos arredores?

Aluno B: - Já.

Pesquisadora: - Vocês mudaram alguma coisa após os fatos? Como por exemplo, sentimentos, emoções em relação à escola.

Aluno I: - Eu não, fiquei normal.

Aluno M: - Eu, especificamente não, mas a maioria das pessoas da escola ficaram (sic) mais violentas.

Aluno I: - Na minha opinião, não mudou.

Aluno B: - Eu achei normal. Todo mundo ou quase todo mundo também.

Pesquisadora: - Quando você fala "normal" é por que a droga se tornou algo habitual?

Aluno B: - Nas ruas, fora da escola sim, é uma coisa normal.

Pesquisadora: - E onde vocês moram, o consumo de drogas acontece? Ou é mais escondido?

Aluno B: - Acontece. É mais escondido em becos por exemplo.

Aluno M: - Onde moro não tem não.

Pesquisadora: - O que despertou em vocês de sentimento em relação à escola após os fatos?

Aluno B: - Insegurança. Mas a segurança melhorou com o tempo, tem até um guarda agora e a polícia tomou uma providência.

Pesquisadora: - E em relação a você, de sentimento o que ficou? Tristeza, raiva ou nada?

Aluno B: - Eu fiquei do mesmo jeito.

Aluno I: - Eu também fiquei normal, só que com medo, mas eu me senti um pouco insegura. Mas a segurança melhorou com os policiais, só de ter uma pessoa ali no portão...

Aluno M: - Antes da segurança, a gente via muito caso de briga lá, mas depois do que aconteceu já melhorou.

Pesquisadora: - Vocês se sentem felizes em estudar aqui?

Aluno B: - Me sinto feliz. Pra mim é normal essa escola.

Aluno M e I: - Sim.

Pesquisadora: - Vocês sofrem algum tipo de discriminação quando dizem que estudam aqui?

(Os alunos responderam negativamente em uníssono.)

Pesquisadora: - A violência foi reproduzida na escola de alguma maneira depois do ocorrido, como agressões e ameaças?

Aluno M: - Já me ameaçaram, mas foi antes do que houve.

Aluno I: - Nunca me ameaçaram.

Aluno B: - Foi um ato ruim antes do acontecimento, mas já acabou.

Pesquisadora: - Após ir ao banheiro das alunas, notei muitas pichações com ameaças e muito mais. Sempre foi daquele jeito ou aumentou?

Aluno M: - Aumentou um pouco depois do que aconteceu.

Aluno I: - É, aumentou.

Aluno B: - No banheiro masculino tem muita ameaça escrita. Inclusive de que vai matar a diretora e o ex vice-diretor.

Aluno I: - No banheiro feminino tem xingamentos para as outras meninas (nesse momento citou palavras de baixo calão como exemplo). Colocando a sala e os nomes das meninas.

Aluno M: - Às vezes falando bem, só que de uma forma que a pessoa não ia gostar...

Pesquisadora: - Mais alguma coisa que vocês querem falar se mudou, ou querem que as pessoas saibam?

Aluno B: - Pra mim, aqui fez foi melhorar. Principalmente a segurança. Agora nada piorou. Só foi esse fato mesmo que aconteceu.

Pesquisadora: - Vocês acham que o assunto devia ter sido mais debatido na escola ou ficou esquecido?

Aluno M: - Algumas pessoas esqueceram. Elas não estão mais ligando para segurança, elas veem os guardinhas aqui e depois que viram eles (sic) não estão“nem aí” para o que acontece dentro da escola: briga essas coisas.

Pesquisadora: - Mas vocês acham que a direção e a coordenação poderiam ter feito mais? Como por exemplo, conversado com vocês, acalmado sobre os fatos? Sentiram falta disso?

Aluno M: - Sim.

Aluno B: - Não. Pra mim já tomaram providência sobre o assunto. Ele foi esquecido, mas pra aparecer na TV já foi um fato de providência da escola.

Aluno M: - Mas eles também não ajudaram muito a gente a reagir ao que estava acontecendo. E sobre os drogados lá fora ninguém (a mídia) falou nada, só sobre a briga mesmo.

Entrevista da Turma 5

Pesquisadora:- O que vocês assistem na televisão, com relação a telejornal e programas policiais?

Aluno J: - Eu assisto telejornal.

Aluno U: - Os policiais, mais violentos.

Aluno L.A: - Até outros telejornais em suas duas edições.

(Após risos dos demais, outros 3 alunos citaram o programa mais famoso do período).

Pesquisadora: - Assistem mais a esse tipo de programa ou mais policial? Quem assiste mais policial levanta a mão.

(Todos levantaram a mão.)

Pesquisadora: - Assistem todos os dias? Por quanto tempo?

Aluno J: - Quando é possível.

Aluno L.U: - De vez em quando.

Aluno E: - Quando dá.

Aluno T: - Frequentemente.

Aluno P: - Antes de começar a novela.

Pesquisadora: - Vocês sabem que alguns casos de violência aumentam porque se reproduz muito determinado caso na mídia televisiva? Isso acontece, algumas vezes porque algumas pessoas tomam como exemplo de conduta. O que “passa” nesse tipo de programa que vocês veem, pode ser tomado como exemplo por alguém?

Aluno L.U: - Não mesmo.

(Todos os demais disseram que ‘não’).

Pesquisadora: - Vocês acompanharam os fatos sobre a escola?

(Todos afirmaram que sim.)

Pesquisadora: - O que foi retratado ali foi fiel ao que realmente aconteceu?

Aluno L.U: - Não mesmo.

Aluno P: - Algumas coisas não.

(Nesse momento os outros retrucam: “Algumas?”).

Aluno L.U: - No caso de falar que tinham venda de droga dentro da sala de aula. Isso nunca aconteceu aqui, nunca!

Aluno J: - Pelo menos não nessa sala.

Aluno T: - Não, “J”, na escola.

Aluno L.U: - Na escola, nem ano passado nem nos outros anos, nunca aconteceu isso dentro da escola. Nos arredores pode até ter acontecido, mas nunca dentro da escola.

Aluno L.A: - Nos arredores tem muito.

Pesquisadora: - O que mais vocês acham que foi aumentado?

Aluno L.A: - Também falaram muita mentira sobre ameaças.

Aluno J: - Acho que exageraram muito sobre as ameaças, principalmente sobre a diretora.

Aluno L.A: - É... As ameaças.

(Vários alunos concordaram com esses apontamentos).

Aluno P: - Às vezes, as pessoas só andavam junto na escola e já diziam que

estavam fumando droga.

Aluno T: - Antes de fazerem aquelas coisas na sala, eles não estavam ameaçando tanto assim, em minha opinião.

Pesquisadora: - Antes havia relato de alunos que avisavam aos gestores para ter cuidado com determinadas pessoas. Mas, depois do que aconteceu, mudou algo na escola?

(Vários disseram que realmente mudou.).

Aluno J: - Principalmente pelo fato da segurança: agora sempre tem um guarda ali.

Aluno L.U: - Mas precisou acontecer isso para ter um guarda aqui. Coisa (sic) que tinha que ter sempre.

Aluno P: - Antes tinha mais calor aqui nas salas e essas plantas ajudaram bastante a respirar.

(Risos dos demais alunos.)

Aluno C: - Muitos ventiladores...

Aluno L.A: - Deixavam muito o portão aberto, mas não deixam mais.

Aluno J: - Não querendo falar que a outra diretora era ruim, mas pelo fato de ter saído aquela e ter encontrado outra pessoa como diretor (interventor), eu acho que melhorou muito em várias coisas. Por exemplo: Trocaram o campo ali, estão pintando a escola e os ventiladores principalmente.

Pesquisadora: Vocês acharam importante essa mudança visual na escola?

(Vários disseram que sim.)

Aluno J: - Sim, e muito! Parece estar melhor agora...

Aluno L.A: - Antes parecia que a escola era...

Aluno J: -...mal zelada.

Aluno L.U: - A escola ficou mais mal falada pela aparência dela por fora: o muro todo pichado, por ter mato alto, essas coisas. As pessoas já pensavam assim 'Dentro daquela escola tem mesmo tráfico de drogas!'

Aluno J: - Isso é verdade... Agora eles pintaram aquele muro ali, eu acho que quem passa tem uma visão diferente.

Aluno T.A: - Eu gostei da pintura do muro.

Aluno L.A: - Depois que pintaram a escola, ela está com alguma coisa diferente... A escola é uma coisa diferente agora.

Aluno L.U: - É um ar totalmente diferente.

Aluno L.A: - Quando eu entrei, eu pensei que a escola tinha muito malandro, essas coisas (sic).

Aluno P: - A escola antes dava muito mais pressão antes deles pintarem esse muro...

Aluno L.A: -... Antes de colocar jardim, colocar espelhos...

Aluno J: - A escola está indo de bem (sic) pra melhor.

Pesquisadora: - Em relação à saída dos outros alunos vocês acham que foi uma decisão certa deles? Ou não?

Aluno T: - Algumas saídas eu concordo, outras não...

Aluno P: - Naquela situação que estava antes do diretor (interventor) chegar eu concordo sim.

Aluno J: - Em minha opinião, não teve diferença porque além de eu não conhecer ninguém, eu nunca vi algo do tipo acontecer.

Aluno L.A: - Eu achei merecidos os alunos que participaram daquilo terem sido expulsos, porque tem pessoas que não conseguem se defender aqui. Tem pessoas bem menores que saíram por medo, que eu acho que não conseguiriam se defender... Daí a mãe pode ficar com medo e tirar o filho.

Pesquisadora: - Algum de vocês pensou em sair da escola?

(Somente um deles não pensou em sair.)

Pesquisadora: - Já ofereceram drogas para vocês na escola?

(Todos disseram que não.)

Pesquisadora: - E nos arredores?

Aluno L.C: - Sim, demais.

Aluno P: - Demais.

(Somente 3 disseram que não ofereceram drogas a eles.)

Aluno P: - Ofereceram uma vez pra mim e eu disse 'não'.

Aluno L.A: - Meu pai diz sempre pra quando me oferecerem eu sair correndo.

Pesquisadora: - Na comunidade onde vocês moram há muita a presença das drogas? Ou uso ou tráfico?

Aluno J: - Muito, muito, muito.

(Vários disseram que sim.)

Aluno P: - Na (quadra) 26 tem bastante droga. Dá medo passar por lá.

Aluno L.A: - A (quadra) 22 então...

Pesquisadora: - A qualquer hora do dia?

Aluno J: - Mais à noite...

Aluno T: - Qualquer hora do dia, mais à noite.

Aluno P: - De noite, o lugar que eu tenho mais medo de passarm é a (quadra) 26.

Aluno J: - Debaixo do apartamento onde eu moro, quase todo o final de semana vem um grupo e fica fumando tudo. A gente não fala nada, mas já teve (sic) casos de pessoas chamando a polícia porque passavam e eram abordados por eles (usuários).

Pesquisadora: - Quando ocorreram os fatos, o que vocês sentiram? Quais sentimentos?

Aluno P: - Ameaçados.

Aluno L.A: - Me senti com vergonha... Inseguros... Um lixo!!!

Aluno L.U: - Eu me senti com vergonha. Porque as pessoas olhavam pra gente, e por estar com uniforme, com uma certa discriminação por estar estudando numa escola violenta. Achar que você é igual às pessoas que fizeram aquilo.

Aluno AC: - Eu sentia muita vergonha.

Aluno P: - Algumas pessoas passavam e ficavam olhando pra você assim, do nada e você pensava 'véi, o que eu fiz?'

Aluno I: - Um desgosto!

Aluno LA: - Ficavam olhando pra você como se fosse um lixo...

Aluno P: - ...olhando como se fosse marginal daquela escola.

Pesquisadora: - Alguém sentiu raiva?

Aluno J e I: - Sim.

Pesquisadora: - De quem?

Aluno L.U: - De quem fez aquilo.

Aluno P: - De quem fez...

Aluno J: - Sim. Principalmente pelo fato de você não gostar da pessoa, não necessita de destruir (...) o que causará dano para quase mil crianças que tem aqui. Pois ali era uma biblioteca e que foi destruída. Não necessitava disso.

Pesquisadora: - Em relação à segurança, o que mudou?

Aluno L.A: - Tudo... Ficou mais seguro, tem segurança noturno...

Aluno C: - O portão que ficava aberto e não fica mais.

Aluno T: - Qualquer um entrava nessa escola.

Aluno J: - Mas acho que podia melhorar ainda.

Pesquisadora: - São felizes em estudar aqui?

(Vários disseram que sim.)

Aluno T: - Hoje sim...

Aluno C: - Melhorou.

Aluno P: - Prefiro minha casa.

Aluno L.A: - Hoje gosto.

Aluno T: - ...apesar de estudar desde pequena aqui...

Aluno J: - Acho bom estudar aqui, principalmente pelo fato de já terem reestabilizado tudo, por amizades e por professores legais...

Pesquisadora: - A violência motivou algo na escola? O aumento da violência por exemplo.

(Vários disseram que não e 3 acharam que sim.)

Aluno L.U: - Um monte de gente quer chamar a atenção igual àquilo na TV. A pessoa achou legal, viu que chamou a atenção e quer fazer igual.

Pesquisadora: - As pichações no banheiro feminino aumentaram? Ou sempre foi daquele jeito?

(Dois alunos disseram 'Sempre foi!')

Aluno T: - Sempre foi, até fiz uma lá...

(Risos dos demais.)

Pesquisadora: - E no banheiro masculino?

Aluno L.C:- No masculino é que tem mais ainda.

Aluno P: - No banheiro tem 'Vai morrer, fulana' (nome da diretora).

(Outro aluno citou outras ofensas escritas ao vice-diretor.)

Pesquisadora: - E o bullying aumentou depois?

Aluno L.A: - Aumentou mais ou menos...

Aluno P: - Bastante! Nas salas mais ainda...

Pesquisadora: - Vocês falaram que se sentiram discriminados. Hoje se sentem assim ainda?

Aluno J: - Não.

Aluno P: - Não, nem olham mais pra gente.

Aluno L.U: - Eu me sinto porque até hoje alguns lembram e olham pra você com olhar diferente.

Aluno L.A: - Isso mesmo!

Aluno J: - Acho que a gente olha mais pras pessoas do que elas olham pra gente agora.

